

ANO 6 - NÚMERO 63 - JANEIRO 2020

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

A ILHA DO BANANAL NÃO EXISTE MAIS

p. 08

CONSCIÊNCIA NEGRA

Eu quero voltar
sempre preta
p. 18

ECOTURISMO

A Casa da Flor
p. 26

SAGRADO INDÍGENA

Montanhas Sagradas

p. 42



ACAIXAÉTODASUA

**Vender as áreas mais
lucrativas da CAIXA é
acabar com o sonho
de estudar com o Fies.**

ACAIXAETODASUA.COM.BR

**COMITÊ NACIONAL
EM DEFESA DA CAIXA**

“ **Não tem futuro sem partilha
Nem Messias de arma na mão.** ”

Mangueira – Samba enredo 2020

COLABORADORES/AS - JANEIRO

Ailton Krenak – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Bia de Lima** – Professora. **Carolina Maria de Jesus** (*in memoriam*) – Escritora. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Eliana Aparecida Santos Feitosa** – Pesquisadora. **Emir Sader** – Sociólogo. **Felício Pontes Jr.** – Procurador da República. Escritor. **Francisco Paulo Falbo Gontijo** – Professor. **Iêda Leal** – Professora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Izalete Tavares** – Fotógrafa. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Ribamar Bessa Freire** – Escritor. **Karla Caetano** – Professora. **Leonardo Boff** – Escritor. **Lúcia Resende** – Professora. **Pedro Tierra** – Escritor. **Ricardo Stuckert** – Fotógrafo. **TT Catalão** (*in memoriam*) – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista | 7. Emir Sader – Sociólogo |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista | 8. Graça Fleury – Educadora |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora |
| 6. Elson Martins – Jornalista | 12. Trajano Jardim – Jornalista |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

É sempre desejo nosso começar o ano com boas-novas, porque o que de coração desejamos a você que nos acompanha e nos lê é que tenha um Feliz Ano Novo.

Para 2020, depois do rompimento da barragem de Brumadinho, da mineração, do desmatamento e do fogo descontrolado no Cerrado e na Amazônia e das ainda inexplicadas manchas de óleo no Nordeste no ano de 2019, esperávamos um janeiro menos danoso para o meio ambiente e mais esperançoso para o planeta.

Infelizmente, não é esse o caso. Nossa matéria de capa, assinada pelo arqueólogo Altair Sales Barbosa, com a colaboração de Jaime Sautchuk, registra em detalhes uma das grandes tragédias ambientais brasileiras: por conta da desastrada ação humana no coração da biodiversidade brasileira, a Ilha do Bananal não existe mais. Pouco a pouco, a maior ilha fluvial do mundo viu secar o rio Javaé que, junto com o Araguaia, a protegia e, com o rio seco, virou extensão de terra degradada, deixou de ser ilha.

Nossa matéria de capa é, portanto, um documento de denúncia e um pedido-grito de socorro. Mas tem também muitas outras coisas interessantes pra você ler nesta edição: Um texto de Carolina Maria Jesus, uma das primeiras escritoras negras brasileiras, reafirma nosso compromisso com o fortalecimento de uma consciência negra em nosso país. E, de Pedro Tierra, a descrição do significado da palavra coragem nos anos de chumbo.

Complementamos nossa pauta de variedades com a história da língua cuiabana, que na verdade é paulista, com a lenda da Puba e, no Universo Feminino, a sofrida história de Benedita Tatu, prostituta dos becos goianos. Também homenageamos a feminista Nilceia Freire e o poeta TT Catalão, daqui pra frente presentes em nossas lutas desde os mistérios dos jardins do céu.

Boa Leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info



Parabéns pela revista!

Elves Gomes (Goári) – Brasília - DF

Olha o que chegou na casa da minha irmã hoje! Minha irmã disse que gostou muito da revista... E está encantada com a camiseta!

Marconi Burum – Campos Belos – GO

Parabéns pela Revista Xapuri e pela Loja Solidária. A camiseta do Corisco fez sucesso porque é muito bonita e por causa do momento em que vivemos. É uma camisa de resistência. Parabéns!

Walkiria Teresa Firmino Lobato – Brasília – DF



08 CAPA
A Ilha do Bananal
não existe mais

20 CONJUNTURA
O dedo do Lula

15 BIODIVERSIDADE
Boto-do-Araguaia:
recém-descoberto e já ameaçado

24 MEMÓRIA
Nilcea pra se guardar: decálogo
íntimo de um legado feminista

18 CONSCIÊNCIA NEGRA
Eu quero voltar sempre preta

26 ECOTURISMO
A Casa da Flor

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

28 GASTRONOMIA
Linguiça cuiabana: delícia
paulista do interior do estado

29 SAUDADE
Xô Bicho Intruso

32 HISTÓRIA SOCIAL
Quem é Kalunga sabe.
Quem não é Kalunga
precisa aprender.

34 LITERATURA
Coragem

36 MEDICINA POPULAR
Cura para quase tudo: entre
raízes e raizeiros, o conhecimento
tradicional em Brasília

38 MEIO AMBIENTE
Brilhos na floresta:
apaga a luz para ver

40 MITOS E LENDAS
Puba

41 VIDA ANIMAL
No rastro da onça-pintada:
a estrela do Pantanal!

42 SAGRADO INDÍGENA
Montanhas Sagradas

46 SUSTENTABILIDADE
Oração de agradecimento do chefe
indígena Aho Mitakuye Oyasin

48 UNIVERSO FEMININO
Benedita Tatu: bem aos nossos
olhos, a miséria humana e a
maldade dos homens

Xapuri Loja Solidária

Imagem do mês

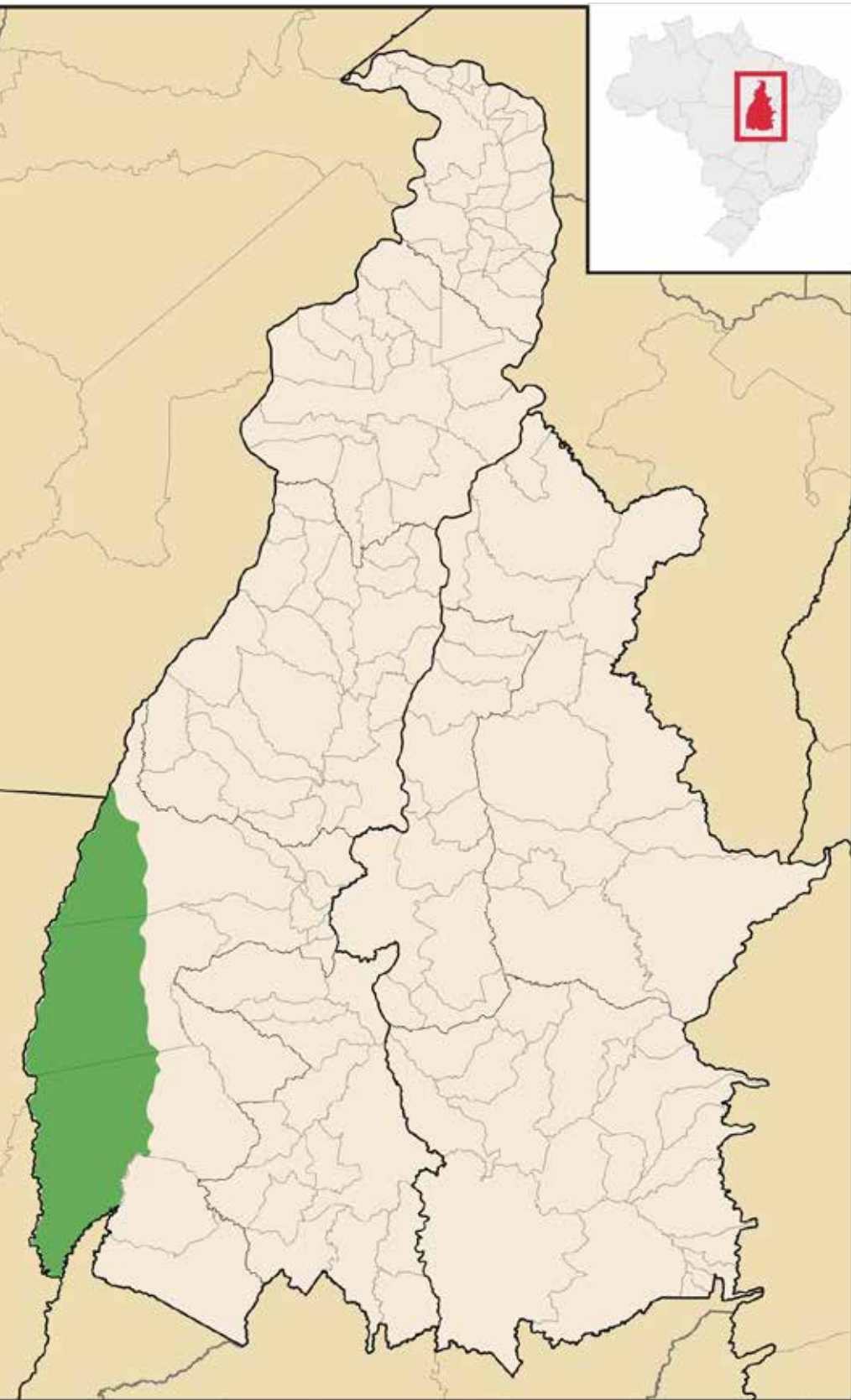
@xapuri_lojasolidaria

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!





A ILHA DO BANANAL NÃO EXISTE MAIS

Altair Sales Barbosa,
Jaime Sautchuk

*“nenhum rio
morre de repente
a bala que
mata o rio
é descaso
lixo e gente*

*nenhum rio
morre por acaso
a bala que
mata o rio
é gente
lixo e descaso*

*todo rio
morre devagar
se a gente
deixar que
lixo cobiça
e descaso
matem o rio”*

TT Catalão

Foto: Divulgação

Desde meus tempos de estudante do antigo ensino primário e ginásial que aprendi lendo os livros de geografia, e com os meus professores, que o Brasil possuía a maior ilha fluvial do mundo.

A Ilha do Bananal, formada pela bifurcação do rio Araguaia, mantinha seu braço esquerdo com o nome de Araguaia e o braço direito com o nome de Javaé, denominação tomada emprestada dos índios Javaé, pertencentes ao mesmo grupo linguístico da nação Karajá. Esses últimos habitam mais às margens do Araguaia, enquanto os Javaé estão mais nos domínios das águas do rio Javaé.

A junção dos dois braços ocorre próxima à cidade de Formoso, hoje estado do Tocantins. Por força da minha formação universitária, por várias vezes fazia visita regular à então Ilha do Bananal para estudos antropológicos e geológicos. Era comum adentrar a ilha pelo Javaé, para isso atravessávamos nossos carros em balsas, com capacidade de transportar até três caminhões.

O tempo foi passando e trouxe para a realidade novos projetos, com base em novas tecnologias, fato que foi acompanhado de grandes transformações ambientais e sociais em todo o vale do rio Araguaia e adjacências. Segundo o geólogo Maximiliano Bayer, da UFG, a cada ano o rio Araguaia fica mais largo e menos profundo, consequência das grandes modificações ocorridas no vale.

Com o incremento desses grandes projetos e a criação do estado do Tocantins, que transformou o Projeto Rio Formoso (caracterizado pela implantação de barramentos em áreas sem aptidões para tal) no maior projeto de irrigação do estado, para produção de grãos e melancia, e a introdução de pastagens exóticas no interior da Ilha para o sustento do agora já

grande pastoreio, foram minando as águas do Javaé até chegar à situação atual, com o desaparecimento do braço direito do Araguaia e, como consequência, a extinção da maior ilha fluvial do mundo.

Entretanto, para que possamos entender esse processo, torna-se necessário alargarmos um pouco o horizonte e compreendermos a sub-bacia hidrográfica do Araguaia como um todo.

Anoção de que “rio novo” seja aquele que ainda esteja definindo o seu leito principal não é correta. Calcular a idade de um rio, tomando como base a quantidade de sedimentos que transporta, ou simplesmente atribuir o seu período de existência, associando-o à origem geológica dos terrenos percorridos por suas águas, não são parâmetros seguros, nem podem ser generalizados.

Meandros abandonados, ao invés de significarem indícios juvenis, podem significar indícios de longevidade. Devem ser vistos como capítulos da história evolutiva de um rio. O transporte e o depósito de sedimentos dependem das formações geológicas regionais e das feições geomorfológicas. Se a idade geológica dos terrenos fosse também o único padrão utilizado para determinar a idade de um rio, isso causaria uma extrema confusão.

O rio Araguaia percorre terrenos Paleozoicos com milhões de anos, mas também percorre terrenos bem recentes, que ele próprio formou pelo transporte de sedimentos, e que às vezes não atingem o tempo de um século.

O tempo de vida de um rio pode ser definido por vários fatores, como largura e extensão da bacia hidrográfica, pelos fenômenos geológicos ocorridos regionalmente pela história evolutiva que possibilitou a formação das paisagens etc. Entretanto, nada disso é compreensível, se não tivermos em mente que um rio não cresce para baixo, mas para cima, sempre à montante.



Foto: Divulgação

Nesta perspectiva, o rio Araguaia pode ser considerado como um dos mais antigos da história hidrográfica moderna da América do Sul. Teve suas origens associadas aos fenômenos de ordem geológica, climática e geomorfológica, que formaram as paisagens modernas do Planeta, ou seja, as paisagens que existem atualmente e que tiveram seu início no alvorecer da Era Cenozoica, por volta de 65 milhões de anos antes do presente.

Essa idade refere-se apenas a uma fração de tempo, em relação às primeiras paisagens da Terra, que datam de 4 bilhões e 600 milhões de anos, mas, por outro lado, é o mais antigo capítulo evolutivo da história recente da Terra.

A história do rio Araguaia está associada aos fenômenos que contribuíram para a consolidação do Sistema Biogeográfico do Cerrado. Os movimentos epirogenéticos, ou a subida lenta de grandes áreas que formaram o Planalto Central Brasileiro, mudaram a direção de alguns cursos d'água que hoje correm para o Araguaia e possibilitaram que o próprio rio Araguaia começasse uma trajetória que o levasse através do Tocantins/Amazonas até o oceano Atlântico.

O RIO ARAGUAIA

O rio Araguaia nasce em território goiano, na borda norte de uma extensão de área sedimentar de idades que vêm desde a Era Paleozoica. Essa área é denominada geologicamente de Bacia Sedimentar do Paraná, em cotas próximas a 900 metros, na região do entorno do Parque Nacional das Emas, no Município de Mineiros.

No curso de seus primeiros 300 quilômetros, o rio Araguaia corre em rochas sedimentares, com seu vale bem encaixado, seguindo a estrutura dessas rochas até atingir a planície do Bananal. A principal feição geológica nesse trecho é o Domo do Araguaíinha, estrutura de impacto de meteoro que, embora tenha seu núcleo em Mato Grosso, na cidade de Araguaíinha,

possui grande influência na geomorfologia do curso superior do Araguaia.

No início da planície do Bananal, afloram rochas gnáissico-graníticas e vulcano-sedimentares de idade Pré-Cambriana que formam, geologicamente falando, o embasamento ou substrato da grande bacia sedimentar do Paraná.

Desde sua nascente até a planície do Bananal, o rio Araguaia desce de cotas de 900 metros para cotas próximas de 300 metros, adquirindo feições de rio juvenil encaixado, passando, a partir da planície, a desenvolver seu percurso sinuosamente em meandros, evidenciando assim formas geomorfológicas com características de rio de curso normal.

A partir da planície, também podem ser observados afloramentos de rochas Quaternárias de deposição recente em contato sobreposto às rochas Pré-Cambrianas.

A planície do Bananal é uma extensa fossa tectônica em atividade, que tem o seu fundo já subsidio em aproximadamente 5.000 metros, desde o período Cretáceo, e continua nesse processo dinâmico de movimento descente.

O comportamento dessa fossa tectônica termina na sua ponta norte, já no estado do Tocantins, extremo norte da Ilha do Bananal. A partir desse ponto, o rio adquire uma nova feição juvenil, encaixado em rochas estritamente Pré-Cambrianas até sua barra no rio Tocantins, junto à cidade de Marabá, na região conhecida como Bico do Papagaio.

O rio Araguaia é alimentado no seu curso superior por águas do aquífero Guarani, associado às formações geológicas Botucatu e Bauru; a partir do seu curso médio, os aquíferos Urucua e Bambuí são responsáveis maiores pela sua alimentação.



Foto: Divulgação

A recarga desses aquíferos depende da água da chuva que cai nos chapadões e de sua absorção pela vegetação nativa do Cerrado. Todavia, esses aquíferos se encontram em situações melindrosas, porque não estão sendo recarregados o suficiente para manter a perenidade e o fluxo d'água para as nascentes, córregos e afluentes que alimentam o Araguaia.

Diante do exposto, pode-se colocar a seguinte indagação: Por que o rio Araguaia ainda não desapareceu?

Felizmente conhecemos algumas respostas. A principal se refere aos níveis dos lençóis freáticos, que são aqueles depósitos acumulados durante os dois últimos períodos chuvosos. A água desses lençóis, em função da declividade do terreno, escorre direto para a calha do grande rio.

Esses lençóis ainda se encontram em condições razoáveis de preservação, tendo em vista as condições pluviométricas, que se têm mantido constantes, e a condição dos ambientes ciliares, razoavelmente preservados.

Com a possibilidade de redução dos ambientes ciliares, pelas mudanças propostas no Código Florestal Brasileiro, grande parte do lençol freático será inevitavelmente afetada ao longo do rio, o que resultará numa diminuição drástica do seu volume de água, num processo crescente, até afetar a vida do próprio rio.

Diferentemente dos sólidos, a água não possui força de resistência, fluindo em qualquer tipo de declividade. O escoamento das águas pluviais depende da capacidade de infiltração. Se a água da chuva encontra um solo desprotegido, sem vegetação original, a infiltração diminui acentuadamente, aumentando a velocidade do escoamento superficial e causando erosões e assoreamento.

Correntes fluviais recebem água de vários pontos, incluindo o fluxo laminar e a chuva que cai

diretamente nos canais. Entretanto, o fluxo de canal proveniente das chuvas é um fenômeno efêmero.

O que mantém a perenidade de um rio é a água fornecida pela umidade do solo e pelos aquíferos. Em ambos os casos, a retirada da cobertura vegetal reduz a umidade do solo e a reserva de água nos aquíferos, fatores que afetam diretamente a vida de um rio.

O rio Araguaia, em função de sua história evolutiva e, também porque já atingiu seu estágio de equilíbrio, num tempo mais curto que possamos imaginar, se transformará num ambiente desolador, triste e sem vida, se as modificações ambientais na sua sub-bacia continuarem crescendo no ritmo atual.

Infelizmente, o progresso em ciência não é fácil. Os argumentos que, finalmente, levam a ciência a avançar são muitas vezes desagradáveis. Nós pesquisadores não temos ainda total domínio de tecnologias eficazes para recuperação de áreas com degradação acentuada.

Portanto, se quisermos evitar um desastre ambiental e uma convulsão social futura, o melhor caminho é a preservação.

O RIO JAVAÉ

Considerado um braço menor do rio Araguaia, o rio Javaé, ou Javaés, recebe as águas do próprio Araguaia e do rio Verde e se estende pelos municípios de São Miguel do Araguaia (GO), Sandolândia (TO), Formoso do Araguaia (TO), Lagoa da Confusão (TO) e Pium, também no Tocantins.

Conhecido por ser um rio excelente para a pesca, com grande variedade de espécies e grande quantidade de peixes como a pirarara, o filhote, o tucunaré, o piau, o pacu, a piranha, o mandi, a curvina, a cachorra, o pintado e o pirarucu, o Javaé vem secando sistematicamente cada vez mais a cada estação.



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

Em matéria de setembro de 2019, o *tlnoticias* (<https://www.tlnoticias.com.br/>) registra a situação crítica do Javaé, cujo leito está praticamente seco no local onde se encontraria com o rio Araguaia, com a falta de água impactando diretamente a vida dos peixes, dos jacarés e da própria Ilha do Bananal:

“Segundo o Ministério Público do Tocantins (MPE), a situação do Javaés está relacionada à crise hídrica que atinge o Rio Formoso, pois os dois são parte da mesma bacia. E foram essas situações na região da Bacia do Rio Formoso que fez (sic) com que, em 2016, o MPE ajuizasse uma ação buscando o equilíbrio entre o uso dos recursos hídricos da bacia do Rio Formoso, que é uma sub-bacia do rio Araguaia, de forma sustentável, e o atendimento à demanda do Projeto Rio Formoso, quem tem como foco a agricultura irrigada.

Desde junho de 2019, os produtores da região estão proibidos de captar água no Rio Formoso. No pedido de suspensão da captação de água no local, o órgão apontou que “enquanto falta água nos rios Formoso, Javaés e demais rios menores da Bacia do Formoso e Araguaia, os rios, barramentos, canais e sistemas de irrigação privado permanecem cheios de água, representando uma verdadeira transposição das águas, muitas vezes com a autorização do Comitê de Bacias, de órgãos de Governo e de técnicos, desconsiderando a fauna e a flora da região como um todo”.

Além disso, um acordo judicial viabilizou a implementação do Projeto Gestão de Alto Nível, que reúne MPE, Universidade Federal do Tocantins

(UFT) e Associação de Produtores Rurais do Sudoeste do Tocantins (Aproest).

O projeto de gestão fez a instalação de medidores de vazão em todas as 94 bombas de captação de água pertencentes aos projetos agrícolas, em que ficam registrados os dias e horários em que as bombas foram ligadas, bem como o volume de água retirado do leito do rio. O monitoramento funciona 24 horas, tendo como maior vantagem o controle dos recursos hídricos em períodos de estiagem e crise hídrica.

A suspensão da captação de água no Rio Formoso não agradou os produtores da região. Representantes da Aproest estiveram na Assembleia Legislativa do Estado no início do mês de setembro para pedir a mediação do conflito com ambientalistas e MPE, alegando que sem a água do Rio do Formoso a agricultura na região fica no prejuízo. O assunto segue em debate na região, mesmo estando a Ilha do Bananal em risco de extinção.

A ILHA DO BANANAL

Bananal tinha bossa de jardim e o posto de maior ilha fluvial do mundo. E cheirava a mares do sul, entre seus rios que traziam o gosto original de primeira água. As praias brilhavam como neve. As areias, finas, davam ao tato sensação de seda esfarelada, como ainda ocorre no leito e nas margens do Araguaia. Escorregam suavemente pelos dedos de quem tenta prendê-las.

Voltando aos parâmetros específicos da Ilha, ela foi descoberta em julho de 1773 pelo sertanista José Pinto Fonseca. Inicialmente, recebeu o nome de Ilha de Sant’Ana. O nome Bananal surge em virtude da grande quantidade de pacova existente no seu interior. Trata-se de uma planta cujas folhas se assemelham às da bananeira, originária da Índia.

A Ilha do Bananal sempre foi considerada um laboratório vivo, tanto do ponto de vista da geologia como da vida silvestre e da antropologia. É reserva ambiental brasileira desde 1959 e é considerada reserva da biosfera pela UNESCO desde 1993.

Na realidade, dentro dos limites da antiga Ilha do Bananal existem quatro unidades de conservação. Na parte sul encontra-se a Terra Indígena Parque do Araguaia; na porção norte e nordeste está o Parque Nacional do Araguaia, ao qual se sobrepõem a Terra Indígena Iñawébohona, a nordeste, e a Terra Indígena Wyhyna/Iròdu Irana, ao norte.

DE GETÚLIO A JK UM SÍMBOLO NACIONAL

Entretanto, a Ilha do Bananal também foi vista como área estratégica para conquista dos Sertões de Dentro. E, nessa perspectiva, Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, visita-a em 1940, para sedimentar a partir de então o grandioso empreendimento denominado Marcha para o Oeste, com o objetivo de contactar índios arredios e estabelecer um plano para o povoamento do interior do Brasil a partir do Centro-Oeste do País.

Passada pouco mais de uma década, foi a vez do também presidente Juscelino Kubitschek mirar

aquela faixa de dois milhões de hectares, com 330 km de comprimento (sentido Sul-Norte) e 160 km de largura, no sudoeste do que é hoje o estado de Tocantins. JK pretendia transformá-lo em polo turístico e chegou a construir um refinado hotel num ponto estratégico daquele encantador espaço do território brasileiro.

Por fim, nas últimas décadas a agricultura predatória, a mineração, o garimpo e a exploração desordenada de outros recursos naturais fizeram desaparecer o que era a Ilha do Bananal. Como a água, que sumiu, de igual modo os povos indígenas ali habitantes foram sendo dizimados pelo tipo de ocupação que vem sendo implantado pelos agentes da chamada sociedade dominante.

VIDA INDÍGENA AMEAÇADA

A Ilha do Bananal, desde tempos remotos, foi o paraíso dos índios Karajá, cuja grande nação se divide em Javaé, que habitam as margens do rio Javaé, dentro da ilha, e grupos menores como os Karajá de Aruanã e os Xambioá, ambos habitantes do Vale do Araguaia.

Bananal fica a 580 km de Brasília, com suas bananeiras, cerca de duas centenas de Karajá, que eram 800 índios robustos quando Getúlio acampou na ilha, mas já foram pelo menos 15 mil, até o início do século passado. A principal das aldeias Karajá é Imuti, que se liga por picada alagada a Santa Isabel, por onde JK ocupou aqueles pedaços rudes de Brasil.

Habitantes seculares das margens do rio Araguaia nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso, os Karajá têm uma longa convivência com a Sociedade Nacional, o que, no entanto, não



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

os impediu de manter seus costumes tradicionais como: a língua nativa, as bonecas de cerâmica, as pescarias familiares, os rituais da Festa de Aruanã e da Casa Grande, os enfeites plumários, as cestarias e o artesanato em madeira e barro, além das pinturas corporais, como os característicos dois círculos na face.

Textos históricos informam ter havido duas frentes de contato com a Sociedade Nacional. A primeira é representada pelas missões jesuítas da Província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro, em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá (ou os Karajá do Norte, como preferem ser chamados).

A segunda frente de contato está relacionada com as bandeiras paulistas rumo ao Centro-Oeste e Norte do Brasil, como a expedição de Antônio Pires de Campos, que se estima ter ocorrido entre os anos de 1718 a 1746. A partir destas, várias outras expedições visitaram os Karajá ao longo dos anos e estes foram obrigados a manter um contato constante com a nossa sociedade.

Mais recentemente, outros grupos indígenas fazem incursões até a Ilha, como é o caso dos Tapirapé e dos Xerente. No final do século XX, um pequeno grupo de Avá-Canoeiro habita áreas do Parque Nacional do Araguaia, levados até aí por Apoena Meirelles.

Os Xavante vivem na região, pras bandas de Mato Grosso. Ao norte da ilha fica o “Bico do Papagaio”, ponto geográfico que marca a confluência dos rios Tocantins e Araguaia. É lá que moram os Apinajé que, como os Xavante, tradicionalmente costumam fazer caça pacífica no território dos Karajá.

Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), um pequeno grupo de Avá-Canoeiro vive atualmente numa área de mata fechada na parte central do território de Bananal. Nômade, essa etnia ficou conhecida como “índios negros de Goiás”, na década de 1970, quando um grupo deles ressurgiu no estado, em andanças que causaram polêmicas, até ser contatado pelo sertanista Apoena Meirelles. Também esses índios evitam contato com as cidades e vilas da região, como forma de se resguardar da violência que marca as relações sociais por ali. Grileiros, ruralistas e mineradores tentam impor seu mando pela força, atingindo indígenas e trabalhadores rurais instalados em pequenas propriedades.

Imagino a força do impacto nas mentes dessas populações, ao olharem para suas lagoas, seus rios interiores e o próprio Javaé, e verem – como também sentirem – todos agonizando em meio a tanta penúria.



Altair Sales Barbosa -

Pesquisador do CNPq. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador da UNIEVANGÉLICA, Anápolis. Presidente do IAS.



Jaime Sautchuk

Jornalista. Escritor



BOTO-DO-ARAGUAIA

RECÉM-DESCOBERTO E JÁ AMEAÇADO DE EXTINÇÃO

Eduardo Pereira

Descoberto há apenas cinco anos, o Boto-do-Araguaia (*Inia araguaiaensis*) é uma das oito espécies animais da região da Ilha do Bananal ameaçadas de extinção.

Junto com a Ariranhã, o Chororó-do-Araguaia, o Gavião-Real, o Jacu-de-Barriga-Castanha, a Onça-Pintada, o Pato-Corredor e o Pica-Pau-do-Parnaíba, o Boto-do-Araguaia, que possui um repertório acústico complexo e é capaz de emitir 237 sons diferentes, corre o risco de desaparecer nos próximos anos e décadas.

Identificado em 2014 por pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), embora apresente muitas semelhanças com o boto cor-de-rosa (*Inia Geoffrensis*), o Boto-do-Araguaia, única descoberta de uma nova espécie de boto em um século (desde 1918), difere do cor-de-rosa pelo DNA e pelo formato do crânio. Embora sejam vistos na região o tempo todo, até então ninguém havia notado que se tratava de uma espécie diferente de boto.

Estudos indicam que o Boto-do-Araguaia se separou das outras espécies de golfinhos de água doce há mais de dois milhões de anos. Porém, assim como os

seus parentes amazônicos, o boto cor-de-rosa (*Inia Geoffrensis*, também conhecido como boto-vermelho) e o tucuxi (*Sotalia fluviatilis*), o Boto-do-Araguaia enfrenta a ação e a devastação humana como empecilhos para a sua sobrevivência.

A população da espécie, estimada em no máximo 1.500 animais, vem sendo dizimada pela atividade agropecuária, pela construção das hidrelétricas, e ainda por pescadores comerciais que os matam com tiros ou iscas envenenadas para não disputar com eles os peixes ao longo do rio Araguaia.

Os botos, ou golfinhos de rio, parentes distantes dos golfinhos encontrados nos oceanos, incluídos entre as espécies mais raras do planeta, estão também na chamada “Red List” (Lista Vermelha) da União Internacional pela Conservação da Natureza (IUCN), por seu alto risco de extinção.



Eduardo Pereira

Sociólogo.

@weiss_guru



FELIZ 2020!

“Para você, desejo o sonho realizado. O amor esperado. A esperança renovada. Para você, desejo todas as cores desta vida. Todas as alegrias que puder sorrir. Todas as músicas que puder emocionar. Desejo que os amigos sejam mais cúmplices, que sua família esteja mais unida, que sua vida seja mais bem vivida. Gostaria de lhe desejar tantas coisas, mas nada seria suficiente... Então, desejo apenas que você tenha muitos desejos. Desejos grandes e que eles possam te mover a cada minuto, ao rumo de sua felicidade.”

Carlos Drummond de Andrade



SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA



EU QUERO VOLTAR SEMPRE PRETA

— Carolina Maria de Jesus

"... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

_É pena você ser preta.

Esquecendo-se eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta".

Carolina Maria de Jesus
(14\03\1914 - 12\02\1977) -

Escritora. Uma das primeiras escritoras negras do Brasil. Autora do best-seller "Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada", 1960, sobre sua dura luta cotidiana como moradora da favela do Canindé, em São Paulo.



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

O DEDO DO LULA

Emir Sader

Dois ídolos do ódio racista que a direita promoveu no Brasil, Bolsonaro e Moro, usaram o dedo do Lula para expressar seus valores. Bolsonaro imprimiu e difundiu camisetas em que aparece a mão do Lula com quatro dedos, explorando o efeito físico do maior líder popular que o Brasil já teve.

Moro, conversando com seus comparsas, se refere ao maior dirigente político que o país tem como “nine”, uma forma depreciativa de mencionar o Lula. Condenou o Lula, sem provas, a nove anos e meio, achando que era uma ironia sobre os dedos do Lula.

São duas formas de expressão em que se revelam personalidades desprezíveis, odiosas, execráveis, de preconceito e de tentativa de desqualificação de um líder popular, de um operário, de um imigrante nordestino. Coisas que incomodam profundamente a direita brasileira e por isso ela se expressa, através de seus líderes, dessa forma.

Expressam bem o que é a elite branca brasileira do centro-sul, que se considera dona do país e sempre buscou tratar os outros – os de origem popular, os do nordeste, os trabalhadores – como bárbaros, selvagens, “mal informados”, como disse o outrora líder dessa gente, o FHC.

A sociedade brasileira teve sempre a discriminação como um dos seus pilares. A escravidão, que desqualificava, ao mesmo tempo, os negros e o trabalho – atividade de uma raça considerada inferior – foi constitutiva do Brasil, como economia, como estratificação social e como ideologia.

Uma sociedade que nunca foi majoritariamente branca, teve sempre como ideologia dominante a da elite branca. Sempre presidiram o país, ocuparam os cargos mais importantes nas FFAA, nos bancos, nos ministérios, na direção das grandes empresas, na mídia, na direção dos clubes, nas universidades, nos governos – em todos os lugares em que se concentra o poder na sociedade, estiveram sempre os brancos.

A elite paulista e do sul do país representa melhor do que qualquer outro setor esse ranço racista. Nunca assimilaram a Revolução de 30, menos ainda o governo do Getúlio. Foram derrotados sistematicamente pelo Getúlio e pelos candidatos que ele apoiou. Atribuíam essa derrota aos “marmiteiros” – expressão depreciativa que a direita tinha para os trabalhadores, uma forma explícita de preconceito de classe.

A ideologia separatista de 1932 – que considerava São Paulo “a locomotiva da nação”, o setor dinâmico e trabalhador, que arrastava os vagões preguiçosos e atrasados dos outros estados – nunca deixou de ser o sentimento dominante da elite paulista em relação ao resto do Brasil.

Os trabalhadores imigrantes, que construíram a riqueza de São Paulo, eram todos “baianos” ou “cabeças chatas”, trabalhadores que sobreviviam morando nas construções – como o personagem que comia gilete, da música do Vinícius e do Carlos Lira, cantada pelo Ari Toledo, com o sugestivo nome de pau-de-arara, outra denominação para os imigrantes nordestinos em São Paulo.

A elite paulista foi protagonista essencial nas marchas das senhoras com a igreja e a mídia, que prepararam o clima para o golpe militar e o apoiaram, incluindo o mesmo tipo de campanha de 1932, com doações de joias e outros bens para a “salvação do Brasil” – de que os militares da ditadura eram os agentes salvadores.

Terminada a ditadura, tiveram que conviver com o Lula como líder popular e o Partido dos Trabalhadores, contra quem canalizaram seu ódio de classe e seu racismo. Lula é o personagem preferencial desses sentimentos, porque sintetiza os aspectos que a elite paulista mais detesta: nordestino, não branco, operário, esquerdista, líder popular.

Não bastasse sua imagem de nordestino, de trabalhador, sua linguagem, seu caráter, está sua mão: Lula perdeu um dedo não em um jet-sky, mas na máquina, como operário metalúrgico, em um dos tantos acidentes de trabalho cotidianos, produto da superexploração dos trabalhadores. Está inscrito no corpo do Lula, nos seus gestos, nas suas mãos, sua origem de classe. É insuportável para o racismo da elite branca brasileira.

Essa elite racista teve que conviver com o sucesso dos governos Lula, depois do fracasso do seu queridinho – FHC, que saiu enxotado da presidência – e da sua sucessora, a Dilma. Teve que conviver com a ascensão social dos trabalhadores, dos nordestinos, dos não brancos, com a vitória da esquerda, do PT, do Lula, do povo.

O ódio ao Lula é um ódio de classe, vem do profundo da burguesia paulista e do centro-sul do país e de setores de classe média que assumem os valores dessa burguesia. O anti-petismo é expressão disso. Os tucanos foram sua representação política e a mídia privada seu porta voz.

Da discriminação, do racismo, do pânico diante da ascensão das classes populares, do seu desalojo da direção do Estado, que sempre tinham exercido sem contrapontos. Os Cansei, a mídia paulista, os moradores dos Jardins, os adeptos do

FHC, do Serra, do Moro, dos otavinhos – derrotados, desesperados, racistas, decadentes.

Na crise atual, a burguesia e setores da classe média do centro-sul protagonizaram algumas das cenas mais vergonhosas da história brasileira, nas manifestações contra a democracia, a favor do golpe e da ditadura militar, exibindo suas dimensões mais fascistas e discriminatórias. Colocavam pra fora o ódio contra os que tinham regulamentado o trabalho das empregadas domésticas, que já não serviriam à opressão e à exploração indiscriminada das patroas.

Contra os que tinham transformado o Nordeste, que tinham aberto as universidades para os jovens pobres, contra os que tinham permitido aos pobres viajar para ver seus parentes ou para fazer turismo. Contra os que fizeram do Brasil um país menos injusto, menos desigual, contra os que tiraram o país do Mapa da Fome, a que as elites brancas tinham condenado o povo para sempre.

E Lula sempre foi e continua sendo a expressão mais alta desse movimento de democratização social do Brasil. Gente como Bolsonaro e Moro ofendem Lula porque sabem que assim ofendem o povo, os trabalhadores, os nordestinos.

Tentam desconhecer que a indústria brasileira foi construída com as mãos de operários como o Lula, que os carros em que eles passeiam foram construídos por trabalhadores como o Lula. Que o dedo que o Lula perdeu são os muitos dedos que os acidentes diários de trabalho provocam nos trabalhadores, para sobreviverem com baixos salários e produzir as riquezas do Brasil.

O racismo é um crime imprescritível. Bolsonaro e Moro são os herdeiros do político do sul que disse que “iam acabar com essa raça por décadas”. Deveriam ser processados por racismo, ao exibir essas camisetas com o Lula sem um dedo e ao falar do Lula como “nine”. São seres desprezíveis, odiosos, execráveis, do pior que o Brasil tem, pelo ódio de classe ao povo, aos trabalhadores, aos nordestinos, pelo ódio ao Brasil.

Nós nos orgulhamos do Lula como eles não podem se orgulhar dos seus ídolos, promotores do estupro de mulheres e agentes fascistas contra os partidos e líderes de esquerda, contra a própria democracia, que é e será fatal para eles.



Emir Sader
Sociólogo, um dos principais sociólogos e cientistas políticos brasileiros.

Foto: Ricardo Stuckert / Divulgação



O BISNAU E SEUS PETROGLIFOS

Francisco Paulo Falbo Gontijo

Formosa, Goiás, é um município integrante da chamada RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento Econômico – no entorno de Brasília-DF, com riquíssimos sítios arqueológicos, como a Toca da Onça e o Sítio Arqueológico do Bisnau, em que poucos vão e cuja história poucos conhecem; alguns sequer sabem que existem.

O Sítio Arqueológico do Bisnau encontra-se próximo à BR-020, a pouco mais de 40 quilômetros do centro da cidade de Formosa. Lá, além de diversas inscrições rupestres, há um enorme lajedo de mais de 2.000 metros quadrados com diversos petroglifos, escavações em baixo relevo na rocha, formando, em sua maioria, figuras geométricas.

Diferem dos achados da Toca da Onça em diversos aspectos. Primeiro, quanto à técnica empregada na confecção, já que não é uma pintura rupestre, mas um petroglifo. São inscrições diferentes das da Toca da Onça quanto à representação, pois ali encontramos figuras geométricas muito bem-feitas, alinhadas, assemelhando-se mais, em sua maioria, a uma tentativa de representação de alinhamento dos astros.

Não houve, até o momento, um estudo efetivo acerca da idade dos petroglifos do Bisnau, restando, portanto, controvérsias quanto à sua real datação, variando entre 4.500 e 18.000 anos. Parece também, efetivamente, não ter sido o mesmo povo que deixou seus vestígios na Toca da Onça, dada a técnica empregada.

Tanto a Toca da Onça quanto o Bisnau situam-se em fazendas, propriedades privadas na Zona Rural de Formosa, não tendo havido, até então, notícia de qualquer esforço do poder público para o tombamento, a proteção e a divulgação dos referidos sítios, estando os mesmos, ainda hoje, sujeitos ao uso que julgarem pertinente os proprietários.

Estão, ainda hoje, expostos ao vandalismo ou, como no caso do Bisnau, também sofrendo os desgastes da passagem do gado que ali é criado, pisoteando sem óbices as inscrições, destruindo, pouco a pouco, os vestígios da pré-história de Formosa.

Portanto, mais surpreendente do que o que essas fontes revelam é o fato de terem resistido às ações do tempo e da natureza, às omissões do ser humano, ao abandono.



Francisco Paulo Falbo Gontijo – Paulinho MPB, é professor e radialista. Possui Mestrado Profissional em Ensino de História pela UFMS com a Dissertação de Mestrado: Guia didático da história de Formosa-GO: entre a história e a memória – releituras para o ensino de história, em 2018.



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

NILCEA PRA SE GUARDAR:

DECÁLOGO ÍNTIMO DE UM LEGADO FEMINISTA

PartidA/RJ

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

(A. Cícero)

Nilcea Freire (1953–2019) não está mais entre nós. E, no entanto, sabemos o quanto ela permanece aqui conosco, e agora talvez ainda mais. Como companheiras de luta, irmanadas, elencamos aqui dez pontos breves da sua herança que sabemos infinita.

POLÍTICA É VIDA: Nilcea teve uma vida inteira na política como vontade de agir tendo em vista uma dimensão coletiva da vida. E mais: esteve quase sempre ligada a políticas partidárias e institucionais, desde muito moça, inclusive porque sabia bem que esse é o quadro mais concreto com o qual lidamos, para quem quer atuar nesse campo. Não tinha nojo nem medo da política, muito menos subserviência ou cegueira em relação a ela: entrava em campo, dando à própria política um sentido mais alto e próximo com seu olhar, seu corpo e sua voz. Colava sua própria vida a uma história coletiva e sua própria vontade de viver à vontade profunda de que houvesse mais chances de vida digna para todos.

É PRECISO CRUZAR FRONTEIRAS: Nilcea era uma médica profundamente interessada em áreas tão diferentes quanto Educação, Filosofia, Sociologia ou Administração Pública. E, como uma mulher branca de classe média, foi uma ministra empenhada em lutar de verdade pelos direitos de mulheres negras,

empregadas domésticas, trabalhadoras rurais, vítimas de violência que antes viviam isoladas e sufocadas entre as paredes das próprias casas. E lutava com elas, lado a lado. Essa sede e essa decisão ética de olhar para além da própria origem ou do próprio umbigo sempre estiveram acesas nela, em pensamento e ações concretas diárias – das maiores e mais articuladas às que são aparentemente mais miúdas e pessoais.

É IMPOSSÍVEL SERMOS FELIZES SOZINHAS: Muito longe de ficar sonhando quieta no seu canto ou vasculhando apenas as próprias ideias, Nilcea sempre buscou articular ativamente grandes redes de discussão, construção e compartilhamento. O Plano Nacional de Política para as Mulheres, por exemplo, pioneiro no Brasil e referência para todo o mundo, foi fruto da longa I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, que contou com a participação espantosa de mais de 120.000 mulheres em todo o Brasil. Noutro plano, Nilcea sempre viveu cercada de amigas e amigos, e transformava em mais amor pra todos o tanto de amor que recebia de muita gente. E, afinal, fazia também da política uma espécie de disciplina do amor alargado, uma vocação consciente e sistemática para a felicidade coletiva.

PRAGMATISMO TEM SEU VALOR: Com todas as melhores ideias e utopias na bagagem, Nilcea nunca ficou só no sonho, na vontade, nem mesmo só na palavra. “Lutar contra a violência doméstica”, por exemplo, não se transformou só num movimento de reunir forças sociais pra pressionar pela aprovação da Lei Maria da Penha – o que já seria imenso. Virou também o 180, aquele canal direto de denúncia e pedido de auxílio. Imediato, prático, direto, sempre à mão. E que fez uma diferença definitiva entre a vida e a morte pra milhares de nós.

APRENDER É TÃO OU MAIS IMPORTANTE DO QUE ENSINAR: Quando foi reitora da UERJ, Nilcea bancou uma briga então inédita e difícil, inclusive com boa parte da comunidade acadêmica. Em um tempo em que a universidade ainda era feita para uma elite previamente escolhida por marcas de classe e raça bem visíveis, ela ousou bancar a aposta de que abrir a instituição para outras parcelas da população era um desafio não só social, mas também acadêmico, e não só justo e necessário, mas intelectualmente fascinante. E que obrigaria a universidade brasileira a amadurecer e se sofisticar, para receber e elaborar o impacto da entrada de uma quantidade nunca vista de negros e egressos das escolas públicas. E ainda aprender a crescer para além de qualquer muro mais protegido que a confinava até então.

A SERIEDADE PODE SER ALEGRE: É espantoso que, quando voltamos a ver as fotos da Nilcea entre nós, ela estivesse com tanta frequência sorrindo animada, doce, desarmada. E, pra quem a via discursando às vezes com tanta precisão e tanto peso, podia parecer surpreendente que tivesse ao mesmo tempo tanto humor, tanta disposição pra rir, tanta leveza escavada e encontrada, mesmo sob as toneladas de pressões e sabotagens que enfrentou. Havia nela uma alegria que talvez fosse nata, mas certamente era também uma decisão e uma estratégia de luta. E um impulso generoso de transbordamento e fortalecimento de quem estava à sua volta.

EXISTE VALOR POLÍTICO NA FESTA: Pouco se falou nisso nos últimos dias, mas um dos últimos cargos ocupados por Nilcea foi a direção executiva do Museu do Samba, o antigo Centro Cultural Cartola, situado aos pés do Morro da Mangueira. Tomou posse irmanada com a neta de Cartola e dona Zica, Nilcemar Nogueira, numa roda de samba de raiz. Não ignorava a força da festa popular, a potência da música e do samba, o batuque do tambor que temos dentro de nós. Viveu ali a explosão poética e política da vitória da Mangueira no carnaval passado, quando a escola cantou “a história que a História não conta”, e proclamou que havia chegado a vez “de

ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês” – naquele que talvez tenha sido o grito mais luminoso pra espantar a poeira barrenta que havia caído sobre nós naquele momento. Ah, sim: nada é por acaso.

EXISTE BELEZA LIBERTÁRIA: Em um mundo que constrange as mulheres com padrões de beleza sempre inatingíveis e em que cada uma de nós parece viver constrangida pela cobrança tácita de ser eternamente esquadrihada para cobrir todos os quesitos de uma aparência ditada como desejável, Nilcea parecia simplesmente bem com sua própria pele. Chegava até nós despojada, animada, com todos os seus formidáveis anos no rosto. Chegava com os cabelos raspados que marcaram sua longa luta contra o câncer ou com lenços amarrados. E com seus cabelos enfim brancos, às vezes com uma flor na orelha. Não titubeava, não se exibia, não se escondia, não caía em velhas ciladas pueris: discretamente, brilhava.

É PRECISO INSISTIR EM SER GENTE EM TEMPOS VIRTUAIS: No universo de militância muito frequentemente marcado por tretas e fofocas, e ainda mais por redes dominadas tantas vezes por superficialidade e gestos cada vez mais automáticos e impessoais, Nilcea era aquela que não era capturada pelas engrenagens de produzir horas mortas. E que recusava o bate-boca inócuo ou vaidoso, e recusava a reprodução incessante de qualquer bobagem ouvida de raspão. Mandava os áudios mais lindos, nos grupos de que participava. Com uma voz que era toda feita delicadeza e vigor, de escuta e abraço. Pessoa encarnada e presente, mesmo a distância.

TER PODER PODE SER BOM E LEGÍTIMO: Ainda parece necessário dizer isso, neste Brasil de 2020 no qual perigamos associar o poder somente ao crime, à enganação perversa, à truculência ou à ganância mais estúpida. Nilcea viveu uma vida inteira sem nunca tirar vantagens mesquinhas dos cargos que teve e nunca usou o poder em benefício próprio ou egoísta. Mas trabalhou e atuou politicamente de uma forma desinibida e intensiva, quase febril, eletrizante. E demonstrava que não fazia isso por espírito de sacrifício, mas por grande graça e gosto. Porque era muito bom poder atuar publicamente, ter a chance de mudar o que precisava ser mudado, arregaçar as mangas e botar a mão na massa. Era lindo demais ver os frutos coletivos daquele tipo de trabalho se espalharem e virarem referência pra milhões de pessoas. Era lindo, animador, entusiasmante. Para mulheres que se assumem como feministas, inclusive – ou muito, muito especialmente nesses casos.

Fonte: <https://catarinas.info/>



A Casa da Flor

Eduardo Pereira

A Casa da Flor, em São Pedro da Aldeia, no Rio de Janeiro, é uma construção singela, com paredes de taipa e esteios de madeira roliça, decorada com mosaicos, "feita de caco transformado em flor", conforme Gabriel Joaquim dos Santos (1892-1985), filho de uma índia e de um ex-escravo, trabalhador nas salinas da Região dos Lagos, seu criador.

Conta seu Vиви, Valdevir Soares dos Santos, sobrinho de Gabriel e tutor da Casa da Flor, que a construção foi iniciada no ano de 1912, mas que foi somente em 1923, depois de um sonho, que o operário salineiro começou a decorar a casa com escultura, mandalas e flores feitas com búzios conchas, lâmpadas, garrafas quebradas, detritos industriais, pedaços de azulejo e cacos de louça recolhidos no lixo.

Tanto na parte interna da casa, onde Gabriel homenageou uma única figura da política brasileira, o presidente Getúlio Vargas, quando nos jardins externos, podem ser apreciadas esculturas de flores, sempre construídas em pares, complementadas por folhas, cachos de uva, carrancas, ou simplesmente traços abstratos.

Além do catre onde dormia Gabriel, o acervo da Casa de três cômodos minúsculos (quarto, sala e depósito) guarda ainda algumas peças de louça por ele recebidas e não utilizadas por estarem inteiras, já que o criativo arquiteto da construção inusitada, por princípio, só utilizava peças quebradas e material reciclado em sua edificação.

Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em setembro de 2016, a Casa da Flor foi comparada pelo conselheiro Leonardo Castriota, do Iphan, com outras obras internacionais também reconhecidas como patrimônio cultural, como a Watts Towers, em Los Angeles (USA) - criadas por Sabato Rodia (1879-1965), um imigrante italiano trabalhador da construção civil - e o Palais Idéal du Facteur Cheval, em Hauterives (França) - construído por Ferdinand Cheval (1836-1924), um carteiro francês.

COMO CHEGAR: Partindo do Centro de São Pedro da Aldeia pela RJ-140, sentido Cabo Frio, placas indicam o caminho até a Casa da Flor, localizada em uma via lateral denominada Estrada dos Passageiros, 400 metros distante do Km 06 da rodovia. Lá chegando, basta bater no portão lateral, onde mora seu Vivi, para uma visita guiada ao custo de R\$ 3 por pessoa. Para complementar a renda, seu Vivi vende chaveiros e panos de prato com imagens da Casa da Flor.



Eduardo Pereira
Sociólogo.
@weiss_guru





LINGUIÇA CUIABANA:

DELÍCIA PAULISTA DO INTERIOR DO ESTADO

— Zezé Weiss

O primeiro almoço deste 2020 foi com tia Anízia Villas Boas na casa dos primos Meiri Cazarin e José Valtrudes Villas Boas, na fazenda deles, perto de Fernandópolis, no interior de São Paulo.

No cardápio, uma deliciosa linguica cuiabana, produção do próprio Valtrudes. De imediato lembrei que meu pai também fazia aquela linguica, especialmente nos casamentos de então, lá pelos anos de 1960-70.

Sobre a história da iguaria só me interessei agora, e foi o primo quem me contou que essa famosa linguica de carne de vaca (atualmente também feita com carne de porco ou frango) marinada no leite, na verdade foi criada por um fazendeiro de nome Zenha Ribeiro, na cidade paulista de Paulo de Faria, na região de São José do Rio Preto.

Uma de suas netas, Regina Maria Ribeiro Aziz Martins, declarou que o avô aprendera a fazer a tal linguica de carne de vaca com umas “cuiabanas” e que, por isso, apesar de ser paulista, apelidou-a de cuiabana. O fato é que a tradição de se produzir e comer essa delícia foi iniciada mesmo por Zenha Ribeiro, nos anos 1920, ali pertinho do Rio Grande, no noroeste paulista.

Valtrudes faz a cuiabana com alcatra, toucinho (em lugar da gordura bovina), leite fresco, sal, pimenta-bode, alho e cheiro verde, sem o queijo que algumas receitas acrescentam. Embora trabalhosa, é fácil de fazer. A dica é só na hora de assar: nunca furar a tripa para que a linguica não resseque e nem fique murcha. Copiei a receita:

INGREDIENTES:

- 1 peça de alcatra**
- 3 litros de leite**
- 8 pimentas-bode**
- 4 cabeças de alho**
- 200 gramas de toucinho**
- 1 maço de cheiro verde (salsinha e cebolinha)**
- Sal a gosto**
- Tripa grossa para enchimento**

PREPARO

- ✓ **Corte a alcatra e o toucinho em cubos pequenos, de cerca de 1cm x 1cm.**
- ✓ **Bata no liquidificador, com um pouco de leite, as pimentas-bode, o alho e o cheiro-verde. Acrescente a mistura ao resto do leite.**
- ✓ **Junte a carne, o toucinho e o leite temperado em uma vasilha grande. Coloque na geladeira e deixe descansar por pelo menos 12 horas.**
- ✓ **Depois da carne marinada, encha as tripas com um funil.**
- ✓ **Asse a linguica de preferência em uma churrasqueira. Não se esqueça de virar pelo menos uma vez para que os dois lados fiquem igualmente assados.**

A linguica cuiabana pode ser servida pura, como tira-gosto, ou com arroz branco, salada verde e farofa de banana. De todo jeito, é uma delícia.



Zezé Weiss
Jornalista.

XÔ BICHO INTRUSO

TT Catalão (*)

**Xô Bicho Intruso –
não sou sua presa,
nem refém muito menos
estou sob seu domínio
tosco, infame, escuso;**

**Vaza Bicho Intruso –
esse lugar não é seu, esse
corpo não lhe pertence,
não aceito seu assédio
nem permito seu abuso;**

**Sai Bicho Intruso –
não sou sua inspiração
nem autorizo seu mau
uso, me esquece que
não sou seu muso;**

**Suma Bicho Intruso –
dispenso seus apelos
obtusos, seus projetos
sórdidos e confusos,
a vc não me submeto
não me entrego
não me dobro,
não me quedo –
apático – recluso...**

**Se afasta Bicho Intruso –
a vc, de vc, por vc, em vc:
recuso recuso recuso**



P.S. a caminho do meu primeiro dia de um longo tratamento imuno-terápico em solidária companhia de milhares de irmãozinhos e irmãzinhas em luta contra os cânceres. Na esperança de q Bichos Intrusos tb deixem os corpos ambientais, culturais, sociais, econômicos e espirituais do Brasil...com AMOR, sempre, TT... quem não se abate: combate!

(*) A 20 de dezembro, o grande poeta da resistência, TT Catalão comunicou, em forma de poema, o início de sua luta contra o câncer. Na madrugada do dia 02 de janeiro, TT embarcou nas asas da quimera, rumo aos mistérios do infinito. Para Wanderley dos Santos Catalão, colaborador frequente da Xapuri, nossa admiração, nosso respeito, nossa gratidão e nossa saudade.

Sonhém de cima promove oficina de educação no cerrado

Durante a atividade os estudantes aprenderam sobre a importância da preservação da água, do Cerrado e do meio ambiente

A Escola Classe Sonhém de Cima, escola do campo, localizada no Assentamento Contagem, na Fercal, reuniu estudantes das turmas de 3º, 4º e 5º ano para uma **Oficina de Educação no Cerrado**.

Por meio do projeto pedagógico **“As mãos da sonhém cuidando do nosso bem”**, os alunos visitam famílias do assentamento, cuidam, limpam e preservam diversos espaços da comunidade. Com isso eles reforçam o aprendizado dos conteúdos curriculares (Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências, Artes) em consonância com os princípios da Educação Ambiental e com as matrizes formativas da Educação do Campo (Terra, Luta Social, Trabalho, Cultura, Opressão, entre outras).

A Oficina de Educação no Cerrado contou com apoio e participação de professores(as) da Universidade de Brasília (UnB), técnicos da Agência Reguladora de águas, Energia e Saneamento do Distrito Federal (Adasa), do Instituto Brasília Ambiental (IBRAM), e do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Maranhão, que banha parte da região.

De acordo com o professor coordenador do projeto, Sérgio Luiz Teixeira, os



educandos aprenderam sobre a importância da preservação do Cerrado, da água e do meio ambiente. Eles visitaram uma propriedade do Assentamento Contagem que possui uma mina que deságua em um dos afluentes do rio Maranhão.

“O projeto surgiu da necessidade de revitalização da nascente pois é um local que pode render bons frutos para toda a comunidade se bem cuidado. Os proprietários das terras entenderam a importância da preservação da água para sustentabilidade e para as futuras gerações”, afirmou.

Após a ação, ficou definido que os alunos, em conjunto com a equipe da escola e os moradores realizarão a revitalização do local. Para isso, será necessário cercar toda a área, realizar o plantio de espécies nativas e acompanhar o desenvolvimento do campo.

“Seguiremos revitalizando todos espaços que conseguirmos e que incentivando a preservação a ambiental e despertar nos estudantes e em toda a comunidade escolar o sentimento de conscientização”, concluiu o Sérgio.





Foto: André Dib / Divulgação

QUEM É KALUNGA SABE. QUEM NÃO É KALUNGA PRECISA APRENDER.

O povo Kalunga é uma comunidade de negros e negras formada por descendentes de escravos que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo, há muito tempo, num dos lugares mais bonitos do Brasil, a Chapada dos Veadeiros, no norte de Goiás.

A história do povo Kalunga os mais velhos sabem, porque ouviram de seus pais, que ouviram de seus avós, que ouviram dos avós de seus avós, que eram os seus bisavós e tataravós.

Dizem que ali naquelas serras havia uma mina chamada Boa Vista. Ali os escravos trabalhavam de sol a sol, cavoucando as grapiaras para tirar aqueles montões de cascalho que depois eles lavavam, nos regos que traziam a água dos rios e dos córregos, para separar o ouro.

O trabalho era difícil e a vida dura porque, como era de costume, qualquer pequena falta que o escravo cometia, lá estava o senhor para aplicarlhe os castigos. Eram presos no tronco pelos pés e pelas mãos. Amarrados no pelourinho, apanhavam com o chicote molhado que lanhava suas costas. E a palmatória cantava, batendo em suas mãos.

Os mais velhos ouviram até mesmo contar que, quando um escravo fugia e o senhor o pegava de volta, costumava queimar os pés dele com gordura

quente, para ele não poder mais fugir. Mas quem segura um escravo que sonha com a própria liberdade? Por isso os escravos, apesar dos castigos, continuavam tentando fugir.

FUGIR, MAS IR PARA ONDE?

Para um lugar bem distante, onde ninguém os pudesse alcançar. E isso era o que não faltava naquelas terras de Goiás. Quem passa hoje pela Chapada dos Veadeiros compreende por que os escravos que fugiam das minas iam se refugiar ali.

A Chapada é um mar de serras e morros cheios de buritis que se estendem até onde a vista alcança. O Território Kalunga é cercado por eles. Serra do Mendes, do Mocambo, Morro da Mangabeira, Serro do Bom Jardim, da Areia, de São Pedro, Moleque, Boa Vista, Contenda, Bom Despacho, Serra do Maquiné, Serra da Ursa.

São encostas íngremes, cheias de pedra. Os caminhos estreitos fazem curvas e sobem cada vez mais, quase perdidos no meio do mato. Depois, do outro lado, os paredões de pedra caem quase a pique nas terras baixas dos vales, como muralhas impossíveis de ultrapassar.

O LUGAR ONDE A LIBERDADE FEZ MORADA

Devagarinho, o povo Kalunga foi se estendendo pelas serras em volta do Rio Paranã, por suas encostas e seus vales, que os moradores chamam de vãos. Como viviam em propriedades mais ou menos isoladas, as famílias se distribuíram com largueza por aquelas terras. Hoje eles ocupam um vasto território que abrange parte de três municípios do Estado de Goiás: Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás.

Nesses territórios, existem quatro núcleos principais da população: a região da Contenda e do Vão do Kalunga, o Vão de Almas, o Vão do Moleque e o antigo Ribeirão dos Negros, depois rebatizado como Ribeirão dos Bois. E é assim que os moradores se identificam, quando se pergunta de onde eles são: do Vão de Almas, da Contenda, do Moleque...

Mas nem sempre eles falam só desses núcleos para dizer onde moram. Falam das pequenas localidades que existem nesses lugares maiores, porque é lá que eles de fato vivem. Falam de lugares que se chamam Riachão, Sucuri, Tinguizal, Saco Grande, Volta do Canto, Olho d'Água, Ema, Taboca, Córrego Fundo, Terra Vermelha, Lagoa, Porcos, Brejão, Fazendinha, Vargem Grande, Engenho, Funil, Capela e mais dezenas de outros nomes.

OS MUITOS NOMES DA MORADA DA LIBERDADE

Mas o que quer dizer Riachão, Boqueirão, Volta do Canto, Córrego Fundo, Olho d'Água, Lagoa, Funil? São nomes que descrevem o jeito dos rios, córregos e riachos, suas curvas, seus remansos, o lugar onde a água brota, onde ela é represada, o lugar onde o rio se estreita, apertado.

E Terra Vermelha, Brejão, Vargem Redonda, Vargem Grande, Pedra, Ouro Fino? São nomes que falam de terra boa e terra ruim para o plantio, das baixadas da beira dos rios, do terreno pedregoso que está sempre presente, do metal valioso que a terra dá.

Fonte: Excertos de "Uma História do Povo Kalunga", Unesco-MEC, 2001. Com títulos e edições de Zezé Weiss.



Foto: Divulgação

E o que são esses nomes, Tinguizal, Gameleira, Buriti Comprido, Palmeira, Taboca, Bacanal, Limoeiro, Mangabeira? São nomes de plantas da terra, local onde cresce a árvore franzina e forte do Cerrado, nomes das árvores frondosas ou elegantes, do bambuzal e das plantas que dão fruto e são alimento.

E Sucuri, Porcos, Ema, Rio dos Bois, do Leite, Bezerra? São os bichos da terra, a cobra grande, a ave do Cerrado, os bichos da casa que ajudam no trabalho e alimentam a família Kalunga.

Por fim, no que se pensa quando se ouve falar em Mocambo, Fazendinha, Engenho, Capela? Em lugares de moradia, trabalho e oração.

Assim, esses nomes ensinam que a vida do povo Kalunga é inseparável de tudo o que é vivo e contribui para manter a vida na terra, no céu e no ar.





LITERATURA



Foto: Divulgação

CORAGEM

Pedro Terra

“O medo desumaniza. Impõe a cegueira do reflexo e do instinto. Cava até chegar aos ossos. Liberta o animal que pulsa sob o verniz da razão. Coragem não é precisamente a ausência de medo. É quando a razão ao medo se sobrepõe pela porta do delírio e devolve ao prisioneiro, num lampejo brusco, aquela esperança, contra toda esperança: o torturador pode me matar, mas não pode me vencer. Porque a minha morte será a minha vitória sobre a sua força...”

Pedro Terra –

Escritor. Poeta, em Uma explicação necessária, Poemas do Povo da Noite, Fundação Perseu Abramo, SP, 2009.



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

CURA PARA QUASE TUDO: ENTRE RAÍZES E RAIZEIROS, O CONHECIMENTO TRADICIONAL EM BRASÍLIA

— Eliana Aparecida Santos Feitosa



O conhecimento tradicional faz parte da identidade e da cultura do raizeiro que vive no Distrito Federal. As plantas nativas dos biomas brasileiros constituem a matéria-prima da medicina ancestral praticada pelos erveiros e comercializadas tanto no interior do país quanto em grandes centros urbanos.

Os saberes e fazeres presentes na medicina natural não se estabelecem somente pela identificação das plantas, mas pelo aprimoramento dos usos medicinais a partir dos relatos de cura partilhados entre todos da comunidade. Folhas, caules e raízes e a preparação dos remédios, tudo é repassado às gerações futuras pela experiência relatada, assim se estabelece o ofício do raizeiro.

No Distrito Federal, feiras, pontos de venda e comércio de rua são também espaços de encontro, onde as receitas para quase todos os males são encontradas através da indicação do raizeiro, que, entre outros produtos, oferece a casca, a folha, a semente, ou o preparado que a família já consome e recomenda desde o tempo da migração do seu estado de origem para a Capital Federal.

O atual cenário econômico do Distrito Federal é de crescente desemprego/ou subemprego, com o aumento da atividade informal, fato este que promove na família do raizeiro a opção de dar continuidade ao comércio de venda das ervas por ausência de outra oportunidade ou, ainda, pelo fato de esses sujeitos serem, em sua maioria, pessoas de idade avançada, preocupadas com a continuidade de seu trabalho.

Entre garrafadas, rapé, melado, pomadas, raízes, folhas, cascas, sementes, alho, remédios naturais, temperos e receitas tradicionais, seu Damião Dias, 75 anos de idade, nascido na Paraíba e com registro de nascimento assentado em Jacobina-BA, conhecido como Rei das Ervas, possui sua banca na entrada de Taguatinga,

próxima à Praça do Relógio, importante centro comercial da cidade, onde se oferece cura para quase tudo.

Casado, pai de seis filhos, seu Damião iniciou o comércio de ervas em Ceilândia, “era um poeirão sem tamanho, naquela época eu tinha a barraca na feira de Ceilândia, mas pensei: essa tal de Taguatinga vai ficar uma cidade muito boa, vou colocar a banca no asfalto”.

Quando questionado sobre quais produtos são mais vendidos, ele afirma que vende de tudo e que não sabe ao certo quantos itens possui na banca. Cavalinha, douradinha, quebra-pedra, unguento e xaropes são muito conhecidos. Quem compra faz uso dessa medicina tradicional há muito tempo, fato que remete à memória afetiva dos estados de origem da maioria dos brasilienses clientes de seu Damião.

Seu Damião e sua família trabalham com ervas em Brasília há mais de 40 anos, e ainda possuem juntos outras bancas em feiras da cidade. A procura por “remédios do mato” como popularmente são chamados os remédios naturais é hábito repassado de geração a geração, e hoje muito valorizado pela alta eficiência terapêutica e os altos preços dos remédios “de farmácia”.

Ele afirma que é preciso ter cuidado com a dose e que muita gente hoje vende essas ervas, mas não conhece profundamente as propriedades fitoterápicas e medicinais de cada planta. Nesse sentido, o resgate de ofícios tradicionais como a parteira, o mateiro, a rezadeira e o raizeiro contribuem para a preservação de um conhecimento tradicional que é muito importante na construção da identidade do brasiliense. Para o migrante que saiu de seu estado de origem para dar corpo e forma à capital do país, a essência do conhecimento tradicional consolida o resgate de ofício.

Recorrer aos “remédios do mato” e a tudo que a natureza pode prover é uma prática comum entre as comunidades tradicionais de matriz africana. Agora, esses remédios estão sendo também muito procurados por pessoas que têm sua trajetória totalmente ligada à ciência e à vida urbana, mas que hoje reconhecem a importância do conhecimento tradicional e veem no raizeiro a possibilidade de tratamento sem as contraindicações dos produtos da medicina formal.



Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa – Doutoranda em Geografia pela Universidade de Brasília.



BRILHOS NA FLORESTA: APAGA A LUZ PARA VER

José Ribamar Bessa Freire

"A esperança brilha mais na escuridão."

Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo – Samba enredo da Mangueira 2020

Te faço um convite, leitor/a. Mas antes, por favor, apaga a luz para que possas ver o que quero te desexplicar, embora não seja eu um poeta. Abre os teus olhos na escuridão do país e observa se tenho ou não razão quando digo que, caso estivessem preocupados com o Brasil profundo, os telejornais teriam subtraído um minutinho das horas dedicadas à morte do apresentador de televisão Gugu Liberato, em Orlando – é Flórida! – para anunciar a existência de um cogumelo que brilha na floresta amazônica, como um pirilampo. Faz-de-conta que às 20h30 William Bonner anuncia:

– O Jornal Nacional está começando agora. No domingo, às 16h00, na maloca da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), em São Gabriel da Cachoeira (AM), haverá noite de autógrafos do livro “Brilhos na Floresta”. Seus autores desejam que essa história seja lida e ouvida por crianças e jovens indígenas que vivem em aldeias, mas também por aquelas que moram em cidades como Manaus, Rio, São Paulo, Tóquio e Boston. Por isso, foi escrito em quatro línguas: nheengatu, português, japonês e inglês, com versões ainda nas línguas Tukano e Baniwa neste Ano Internacional das Línguas Indígenas que está terminando. Não é por coincidência que o seu lançamento começa pela cidade mais indígena do Brasil.

Renata Vasconcellos complementa:

– Os quatro autores e a ilustradora estarão também no próximo sábado, às 18 horas, na Banca do Largo, em Manaus, para o lançamento do livro, que aproxima a ciência e a floresta do público infanto-juvenil ao se inspirar no registro do diário de campo de Noemia Kazue Ishikawa, bióloga do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Veja a seguir: seres desconhecidos pelos brasileiros embelezam a floresta amazônica e iluminam o caminho de casa para quem se perdeu no mato.



FUNGO LUMINOSO

A seguir, entram os comerciais, a gente aproveita para ir beber água ou fazer xixi, ninguém aguenta propaganda que tenta convencer os incautos a pedir dinheiro emprestado de uma empresa de crédito pessoal ou a comprar o que, em geral, não é necessário, nesse interminável *black year*. Voltamos à nossa poltrona a tempo de ver o bloco seguinte.

Faz-de-conta que o JN mostra nesse momento a repórter Natália Freire que entrevista no “Amazonicamente” a linguista Ana Carla Bruno (Inpa) e a artista plástica Hadna Abreu sobre a história do livro que é baseado em fatos reais. Foi assim: numa tarde nublada de março, em visita a uma família Baniwa, a bióloga Noêmia colhe cogumelos nas roças para estudá-los, enquanto seu colega da Universidade de Kyoto, Takehide Ikeda, em companhia de Aldevan, fotografa sapos coloridos na roça de abacaxis. Lá, na semana anterior, foram registrados rastros de onça, o que preocupa a todos.

Eles comem um jaraqui assado no moquéim por seu Aloísio. Depois do jantar, deitado na rede onde está

“jiboando”, ainda com o sabor da pimenta Baniwa na papila gustativa, Aldevan fala dos cogumelos que brilham. Noêmia explica que se trata de fungos bioluminescentes, que ela conhece através dos livros, mas que nunca viu pessoalmente.

– Quer ver? Nesta noite sem lua dá pra enxergar o brilho desses fungos aqui perto – convida Aldevan.

Noêmia hesita, manifesta seu medo de onça. Aldevan a tranquiliza: – A onça também tem medo das pessoas. Basta respeitar o espaço dela, que ela respeita o seu. Ikeda topa na hora e anima Noêmia. Seu Aloísio aconselha a usar botas e levar lanternas para evitar cobras. Os improvisados expedicionários entram no mato.

– Andem perto de mim. Iluminem o caminho com a lanterna e olhem com cuidado onde pisam – recomenda Aldevan.

LANTERNA APAGADA

O JN penetra de noite na floresta amazônica e acompanha os passos da bióloga Noêmia, do Baniwa Aldevan – agente de combate às endemias da Fundação de Vigilância em Saúde, do produtor rural Aloísio Braz e do biólogo Takehide Ikeda. Todos eles portam lanternas potentes. A câmera mostra a fila indiana.

Quem vai na frente é Aldevan, que carrega milênios de experiência de quem nasceu na Cabeça do Cachorro (AM) e aprendeu muito ouvindo as histórias do pai Baniwa e da mãe Tukano. Atrás dele, Aloísio, que cultiva roças no sítio Santa Isabel. Noêmia, neta de Nobuo – pioneiro no cultivo de fungo no Brasil – é a terceira da fila, seguida por Ikeda, que pesquisa – olhem que maravilha! – as cores de seres vivos.

Depois de uma boa caminhada, o Baniwa pede que todos apaguem as suas lanternas. Durante dez minutos mergulhados em intensa escuridão, os olhos se acostumaram com o breu. Primeiramente, a mancha esverdeada de uma folha brilha bem no pé de Noêmia. Ela levanta a cabeça. Os cogumelos, então, deslumbrantes, resplandecem em toda sua majestade. Parece até uma cintilante árvore de Natal. Eles nunca mais esquecerão aquele espetáculo de pirilampo pisca-piscando, que pode ser observado na Floresta Amazônica, mas também na Mata Atlântica, no Cerrado e em biomas de outros países.

Fonte: TaQuiPraTi (<http://www.taquiprati.com.br>)

– Já andei muito por florestas. Por que será que nunca vi isso antes? – pergunta Ikeda, intrigado.

– Porque você nunca apagou a lanterna. Os cientistas deviam saber que nem tudo que a gente procura pode ser encontrado iluminando. Às vezes, para ver, é preciso desiluminar – responde Aldevan.

A experiência é inesquecível. Retornam, agora com as lanternas acesas e o brilho dos fungos gravado na memória. Noêmia manifesta outra vez o medo da onça e de se perder no caminho. Aldevan conta que seu pai um dia foi colher pataú na floresta na Cabeça do Cachorro. Anoiteceu. Na escuridão, sem fogo e sem rede para passar a noite, não tinha como voltar pra casa. Como os cogumelos que brilham crescem nas trilhas, ele conseguiu achar o caminho de volta apenas guiado por sua luz.

CENIPUCA LUMINOSA

O posfácio do livro foi escrito pelo químico Cassius V. Stevani, pesquisador da USP, que encontrou, em 2005, a primeira espécie de cogumelo que emite luz. Ele estudou exemplares de um fungo que economizava energia durante o dia para brilhar intensamente de noite. Coordenou o projeto “Bioluminescência em fungos: levantamento de espécies, estudo mecanístico e ensaios toxicológicos”, que fez uma enorme “balbúrdia”. No posfácio do livro, descreveu assim sua intensa emoção num cenário de ficção científica:

– 2005. *Acaíú ressé, a uacemo iepé urupé o ricó cenipuca (biolumiscente). Ti acuao a contari maie ita ia saã mairamé ia maãn cenipuca urupé caá pe pituna arame.*

Na realidade, Cassius escreveu em português, mas para não dar spoiler transcrevia aqui a tradução em Nheengatu, a língua falada majoritariamente na Amazônia até meados do séc. XIX. Quem quiser conhecer detalhes, tem que apagar a luz da TV, que nos enceguece, para ver o brilho do cogumelo.

P.S. Ishikawa, Noemia Kazue e outros: *Brilhos na Floresta*. Coedição Editora Inpa/Editora Valer. Manaus. 2019. 64 páginas.



José Ribamar Bessa Freire – Professor. Escritor. Gestor do portal TaQuiPraTi (www.taquiprati.com.br)



Foto: Divulgação

Karla Caetano

Quando Mani nasceu, foi alegria para o povo. A tez muito alva da indiazinha trazia esperança naqueles dias difíceis, parecia sinal de Tupã.

O temperamento doce da menina, parecia, alimentava a alma daqueles que tinham os corpos famintos de pão naquelas paragens. Não durou a alegria, o brilho dos olhos de Mani foi embora, a tribo toda chorou muito, de nada adiantou.

Para não se afastarem da lembrança da esperança que Mani trazia, sepultaram a menina ali mesmo, no chão batido da oca. Regaram seu berço com suas lágrimas salgadas, temperando de dor e de anseio aquele chão. Anseio de sentir de novo o sentimento que nasceu com ela e que partiu com ela.

Do berço eterno de Mani brotou verde e tímida uma fagulha de novidade. Encantaram-se daquilo e cuidaram do gérmen. Entenderam que daquela forma Tupã trazia a voz de consolo de Mani.

Um dia a terra rachou e espantados vários braços, já enfraquecidos, cavaram e encontraram coisa para eles assombrosa. Mas se vinha de Mani, não podia ser mau agouro. Debaixo da casca terrosa, outra rósea e debaixo ainda, a carne branca. De novo esperança!

Alguém teve a ideia de cozer e cheirar e provar. Descobriram que era pão e de novo

tiveram forças. E distribuíram a semente pelo mundo, porque aquilo que traz vida tem que ser compartilhado.

Passaram-se muitos tempos. Um caboclo esqueceu um saco de raízes no leito do rio, o rio subiu e arrastou o saco, que se prendeu a um galho e ficou lá preso por três dias e três noites. De manhã, alguém achou o saco e abriu, não achou que o cheiro era bom, mas como havia fome novamente, reconheceu as raízes e acreditou que se fosse morrer que não fosse do vazio de corroia e doía.

Passou a massa branca e amolecida numa peneira, viu que o mingau era denso, não tinha um tipiti, resolveu espremer num pano, catou os blocos daquele gesso e os desmanchou de novo na peneira, em cima de uma esteira, deixou que evaporasse no sol, enquanto pensava o que faria daquilo, fez mingau e deu aos filhos e bolos envolvidos em palhas que cozeu na brasa.

E comeram, e o gosto era bom. E esperou que todos morressem, agora sem a dor da fome. No entanto, recuperaram as forças e novamente viveram.



Karla Caetano - donakaetana@gmail.com



NO RASTRO DA ONÇA-PINTADA: A ESTRELA DO PANTANAL!

Izaete Tavares

A onça-pintada é o maior felino das Américas, podendo pesar até 158 kg e medir 75 cm de altura. É um animal considerado oficialmente extinto nos Estados Unidos e ameaçado em outros países onde a espécie ocorre.

No Brasil, a onça-pintada está presente na Amazônia, no Pantanal, na Mata Atlântica e, criticamente ameaçada, na Caatinga. Infelizmente, nos Pampas ela já foi extinta.

Por ser um animal de grande porte, a onça-pintada precisa de uma extensa área para sobreviver e, devido à caça ilegal, queimaditas e desmatamento, seu habitat natural está sendo cada vez mais reduzido.

No Pantanal, a história é outra! Onde antes havia fazendeiros matando onças para proteger suas vacas, hoje podemos ver pessoas que ganham mais com a preservação desses animais do que com suas mortes.

Hoje o Pantanal Norte passou a ser o melhor lugar no mundo para se observar onças-pintadas na natureza. Ali, a região de Porto Jofre tornou-se um verdadeiro refúgio para a espécie e um paraíso para os admiradores da grande estrela do Pantanal, uma vez que a observação à distância, feita de maneira correta, sem nenhum tipo de ceva, não as incomoda.

As onças vão para as margens do Rio Cuiabá e alguns corixos para beber água e capturar suas presas (as preferidas são os jacarés e as capivaras).

Nesse momento, graças à experiência dos guias e roteiros da região, as pessoas que estão nos barcos, fazendo o mínimo de barulho possível, podem vê-las com relativa facilidade. O avistamento de onças já se tornou tão comum por ali que em alguns lugares os guias garantem o avistamento da onça ou seu dinheiro de volta.

No passeio, você pode presenciar cenas incríveis da natureza como, por exemplo, ter a sorte de ver a onça cruzando o rio ou até mesmo caçando sua presa bem diante de seus olhos. Ou quem sabe ver a onça com seus filhotes andando nas margens do rio. Vai depender da sua sorte!

As onças de Porto Jofre são catalogadas e estudadas pelo projeto *Jaguar Identification* (www.jaguaridproject.com). A identificação de cada indivíduo é feita com a ajuda de suas manchas pretas. Cada uma possui um formato único, como se fosse nossa impressão digital.

Os nomes são dados de acordo com o comportamento do animal ou por alguma característica única presente nele. E o melhor: se encontrar uma onça-pintada que ainda não está no *Jaguar Field Guide*, você poderá escolher o nome dela!



Izaete Tavares - Fotógrafa da Vida Selvagem. www.izaletetavares.com
@izaletetavares no Instagram



Foto: Izaete Tavares

MONTANHAS SAGRADAS

— Ailton Krenak

No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais.

Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afetos, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas.

Por que essas narrativas não nos entusiasma? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma narrativa para a gente?

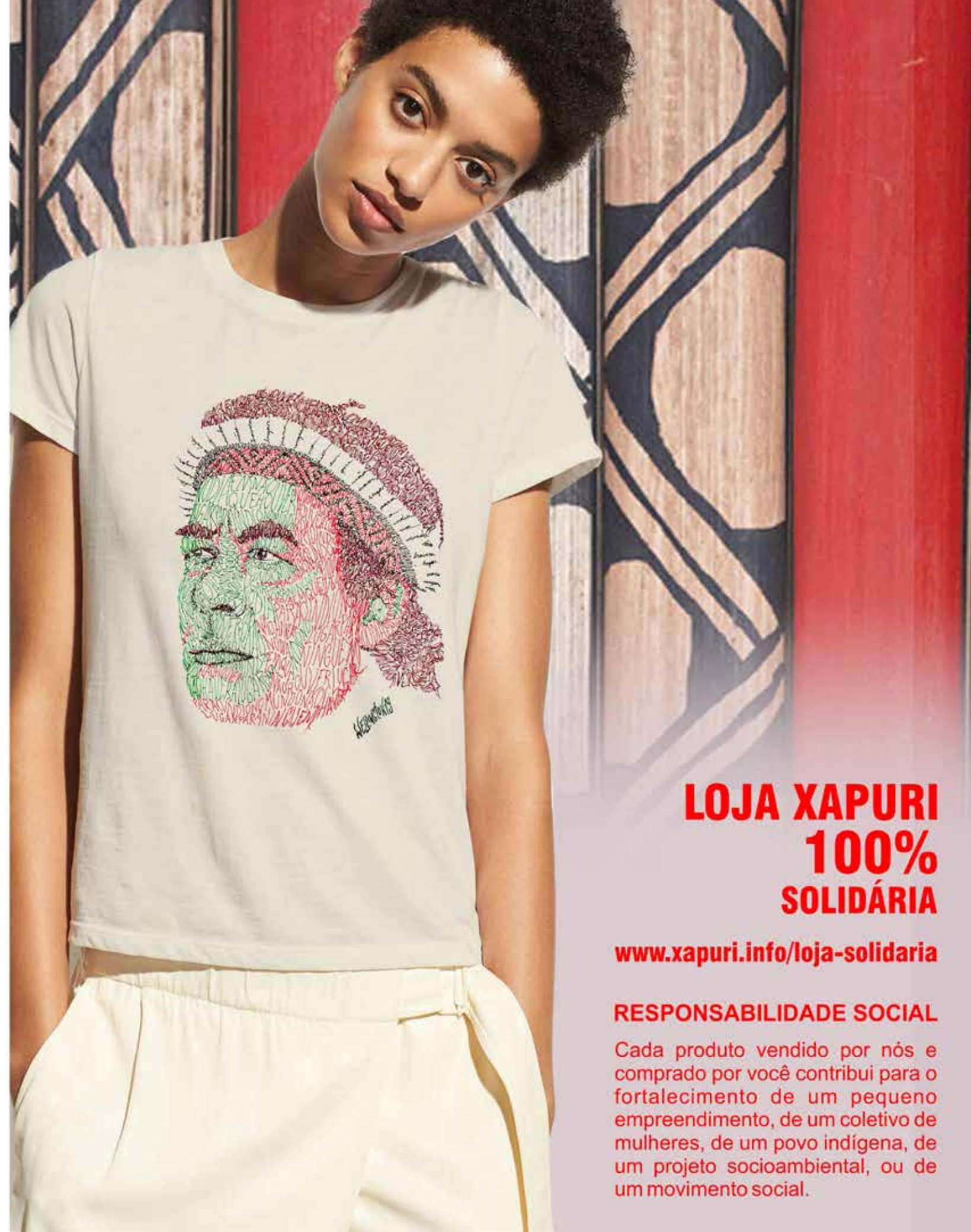
Os Massai, no Quênia, tiveram um conflito com a administração colonial porque os ingleses queriam que a montanha deles virasse um parque. Eles se revoltaram contra a ideia banal, comum em muitos lugares do mundo, de transformar um sítio sagrado num parque.

Eu acho que começa como parque e termina como *parking*. Porque tem que estacionar este tanto de carro que fazem por aí afora. É um abuso do que chamam de razão.



Ailton Krenak

— Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras. 2019.



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



2020: O ANO DE LUTAR E RESISTIR!

Bia de Lima

O ano de 2019 se encerra com gosto amargo nas mesas dos/as servidores/as públicos/as do Estado de Goiás. Um tempo que outrora reunia a família para as comemorações fraternas tornou-se palco de discussões políticas acerca da retirada de direitos e do discurso do governo Caiado, que centrou esforços em colocar a opinião pública contra os/as servidores/as honestos/as e dignos/as do nosso Estado.

2019 foi um ano de muitas lutas. No fim de dezembro, servidores/as públicos/as, em especial os/as da Educação convocados/as pelo SINTEGO, montaram acampamento na Assembleia Legislativa de Goiás (Alego), para lutar contra as propostas governamentais. Os/as trabalhadores/as ocuparam as galerias e acompanharam atentamente todo o trâmite que previa a retirada de direitos historicamente conquistados.

No entanto, após muitas manobras, os/as deputados/as Estaduais aprovaram os Estatutos do Magistério e do/a Servidor/a, retirando a licença-prêmio e o quinquênio dos/as servidores/as. Aprovaram ainda a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da Reforma da Previdência Estadual, quer retirados/asservidores/as públicos/as

as, em especial da Educação, a possibilidade de uma aposentadoria digna.

Juntamente com outros sindicatos das categorias prejudicadas, o SINTEGO já se organiza e mobiliza para enfrentar essas e outras possíveis políticas nefastas deste governo cruel. Nesse sentido, o Fórum em Defesa dos/as Servidores/as e Serviços Públicos do Estado do Goiás, do qual o SINTEGO faz parte, por meio do SINDIPÚBLICO, teve um pedido de tutela provisória de urgência acolhido pela justiça no último dia 02/01.

Foi determinada a suspensão da Emenda da Previdência até o julgamento, em definitivo, da ação civil pública principal ou até a promulgação da PEC Paralela em âmbito federal (PEC 133/2019). Enquanto a emenda está suspensa, prevalece a legislação que anteriormente estava em vigor.

A aprovação desses projetos na Alego consolida o pacote de maldades proposto pelo governo Estadual, que não efetuou o pagamento do reajuste do Piso de 2019 para 97% da categoria, numa manobra maldosa para destruir a carreira do Magistério.

Mais uma vez a carreira dos/as trabalhadores/as em Educação de Goiás foi achatada, já que



Fotos: Acervo Sintego

o pagamento do reajuste foi realizado para apenas 3% dos/as profissionais.

A categoria da Educação sofre de todos os lados. As progressões não foram assinadas, a Data-Base dos/as administrativos/as ainda não foi paga, sendo que muitos destes profissionais recebem menos que um salário mínimo. Um absurdo!

As perdas foram muitas! Mas 2020 convoca-nos, enquanto classe trabalhadora, a nos fortalecer ainda mais, para fazermos a resistência e travarmos coletivamente todos os enfrentamentos que estão por vir!

O SINTEGO seguirá lutando bravamente pelos/as trabalhadores/as da categoria. Temos muitos desafios pela frente: seguiremos na luta pelo reajuste do Piso para todos/as, pelo pagamento da Data-Base, pela assinatura das progressões, pela garantia do quinquênio, da licença-prêmio e do nosso direito de aposentar. Precisamos ter nossos direitos garantidos, resguardados e cumpridos!



Bia de Lima
Educadora. Presidenta do SINTEGO. Presidenta da CUT/GO.



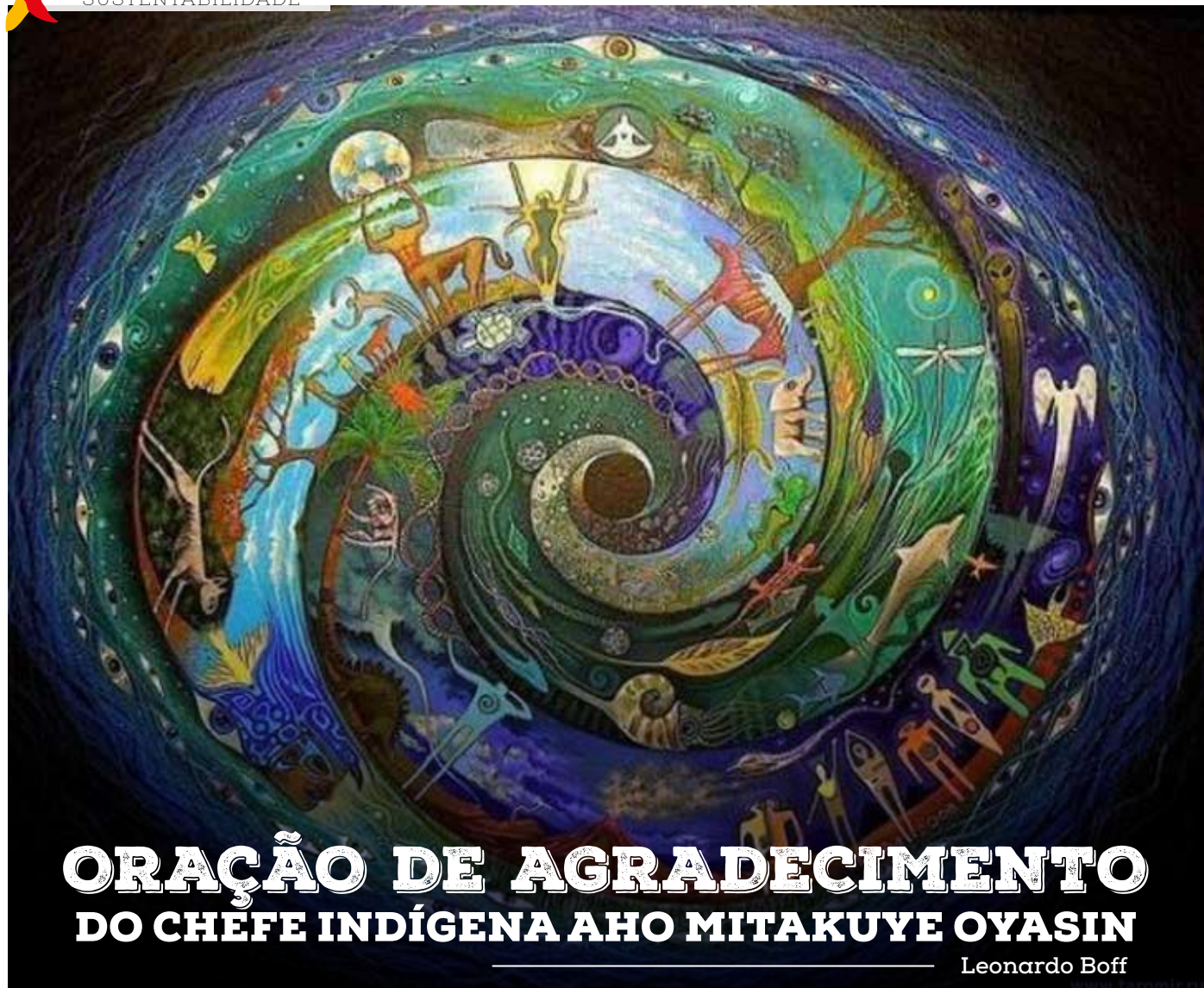


Ilustração: Divulgação

ORAÇÃO DE AGRADECIMENTO DO CHEFE INDÍGENA AHO MITAKUYE OYASIN

Leonardo Boff

Ao participar de encontros internacionais sobre questões ecológicas, me dei conta de que sempre estão presentes os povos originários, pois são os protagonistas na manutenção e na proteção da vida. No começo de cada intervenção, naturalmente, fazem uma oração evocativa ao Grande Espírito, como se fosse a coisa mais natural do mundo. São palavras sábias, nascidas da observação da natureza, das estrelas e da vida. Nós, ocidentais, perdemos o sentido sagrado de todas as coisas, pois não nos sentimos parte do Todo. Da falta deste pertencimento deriva, em grande parte, nossa crise ecológica. Temos uma relação de uso da natureza e esquecemos que cada um de nós está ligado a outro e que cada ser possui um valor em si mesmo. Por isso deve ser respeitado e agradecer por sua existência. Todos estamos dentro do Círculo da Vida. Cada indígena sente em seu próprio corpo a natureza, na vida, nos ossos, na carne, no espírito. Face à emergência ecológica atual, precisamos revisitar os portadores do Sagrado da Natureza, de seu Respeito e do sentimento de Pertença. Eles detêm a chave que pode nos fazer sair da crise e resgatar a Sagrada Unidade de todas as Coisas e nosso lugar dentro dela. Para iniciar a nova década, nada melhor que unirmo-nos a esta expressiva oração que o Grande Chefe Aho da nação Lakota, dos EEUU, fez pensando em todos, também em nós, seus parentes. Até hoje continuam rezando a seguinte oração:



A TODOS OS MEUS PARENTES

Eu honro a todos vocês que hoje estão aqui conosco, neste círculo da vida. Estou grato pela oportunidade de dar-lhes meu reconhecimento e agradecimento, a vocês, nesta oração...

Para o Criador, pelo dom supremo da vida, eu agradeço.

Para o "Povo Mineral", que tem construído e mantido meus ossos e todo o projeto de minhas experiências de vida, eu agradeço.

Para o "Povo Vegetal", que sustenta meus órgãos, mantém meu corpo sadio e me dá ervas curativas em caso de doença, eu agradeço.

Para o "Povo Animal", que me alimenta de sua própria carne e oferece sua companhia leal nesta caminhada da vida, eu agradeço.

Para o "Povo Humano", que compartilha comigo o mesmo caminhar como se fôssemos uma só alma dentro da roda sagrada da vida terrena, eu agradeço.

Para o "Povo Espiritual", que, invisível, me guia através dos altos e baixos da vida e por carregar a tocha de luz através dos tempos, eu agradeço.

Aos "Quatro Ventos" de mudança e de crescimento, eu agradeço.

Vocês todos são meus Parentes, sem os quais eu não viveria.

Estamos todos no Círculo da Vida, juntos e dependentes uns dos outros, tecendo o nosso destino comum. Um não é menos importante que o outro.

Um Povo vivo e em crescimento está interligado com todos os outros Povos, um relacionado com o outro e dependente com aquele que está acima e com aquele que está abaixo.

Todos nós somos uma parte do Grande de Mistério.

Obrigado por esta vida.

**Leonardo Boff**

Teólogo. Filósofo. Escreveu: Cuidar da Terra e proteger a vida: como escapar do fim do mundo, Record, 2010. <https://leonardoboff.wordpress.com/>

BENEDITA TATU:

BEM AOS NOSSO OLHOS, A MISÉRIA HUMANA E A MALDADE DOS HOMENS

Iêda Vilas-Bôas



Foto: Divulgação

Trindade, Goiás, terra do Divino Pai Eterno e de tudo quanto é Santo que há por perto, sempre teve essa sina e tendência de rezadeira, de romaria, de atrair crédulos. Lugar dos cumpridores de promessa, dos agradecidos, dos sacrificados.

Lugar onde homens de postura e compostura com a cara mais deslavada ficam pensando na demora da missa. Vontade de acabar e "ir tirar um dedo de prosa com o compadre". A velha e mesma esfarrapada desculpa de sempre.

Na época de 1926, ali habitavam também senhoras zelosas e porfiosas, exímias mães de família. Ah, que ninguém soubesse dos olhares compridos que se esticavam aos moços da praça da currutela, nem quantas vezes haviam escorregado na calçada (deixado a carne falar mais alto que os bons preceitos e contra a ética corrente).

E havia na antiga Santíssima Trindade do Barro Preto de Goyaz o lugar preferido dos bons e compenetrados maridos, ciosos de seus direitos e cumpridores de seus deveres. Um lugar de prazeres, um território sacralizado pela bruteza dos machos que se aproveitavam das moçoilas que haviam trocado a virgindade por promessas ao vento. Também das pobrezinhas que não tinham condições econômicas, familiares ou qualquer estrutura social, mas... Se lhes sobraram algum bocadinho de beleza ou qualquer atrativo, era ali o seu morar.

A cidade também possuía a zona do baixo meretrício, muiezada, boca do lixo, a ZBM, puteiro, fuá, fubá, mandioca, gato preto, mudando só o apelido, mas igual na mesma exploração e abuso do corpo alheio. Ali, na antiga Trindade se chamava Rua da Alegria, ficava logo após onde hoje se instalou o mercado municipal, local que já fora um antigo cemitério e depois do cemitério fora também um Asilo cuidado pelos Vicentinos.

Tal qual o nome que carregava a Rua da Alegria, prezava por manter o local com música alta, muita bebida, os bêbados rotineiros, mulheres com diminutas

roupas, muita maquiagem e muitas noites e dias no ofício. Compunha o figurino mendigos, inválidos, malandros, jogadores de baralho, de búzio e de roleta; ciganos e as mulheres-damas.

Não sei quem era mais concorrida, se a Romaria ao Divino Pai Eterno ou a dita Rua da Alegria. E a rua fazia diferença no orçamento da quase cidade. O fluxo de precisados em resolver suas urgências era grande, movimento dos apurados da cidade, caboclos e sertanejos, estes últimos eram os primeiros devido à forçada abstinência sexual a que eram submetidos nas brenhas do sertão. Assim sempre foi; assim sempre será.

Moça virgem, mulher casada, criança e "gente honesta" ali não passava, embora fosse muita a curiosidade e muitos os fuxicos. Porém, uma barreira existia, um muro de Berlim ou Mexicano dividia a sociedade. Do lado de lá as sofridas, vilipendiadas e odiadas Mulheres da Rua. Bastasse qualquer deslize, uma bebedeira, um disse me disse qualquer, e a polícia metia o cassetete sem dó e nem piedade.

Se fossem presas, rapavam-lhes a cabeça e as colocavam para capinar os fiapos de mato que teimavam em sair das trinchas das pedras. Na então capital do estado, na Cidade de Goyás - Goiás Velho, a vergonha era ainda maior, pois tinham de se levantar antes do nascer do sol e ali continuar até o repouso dele, a carpir o largo do Chafariz de Cauda. E a cidade acordava, via, comentava, cuspiu, xingava... eram assim tratadas essas cidadãs.

Paradoxalmente, nos tempos de hoje continuam desmoralizadas, esquecidas, desassistidas, sujeitas às truculências. Já não são mulheres da vida, chamam-se Jéssycas, Brendas, Brunos e outros muitos garotos e garotas de programa, circulando em anúncios e poses pela rede. Passeiam pela internet a prostituição virtual, a infantil, a pedofilia e toda espécie de tara. A

milenar profissão continua e não teme recessão.

Pois bem, a Rua da Alegria da Trindade do século XIX, lá pelo final recebia o nome de Beco da Perdição, era ali o final de todas elas, um lugar cheirando a tristeza e morte (fazia parelha com o muro do antigo cemitério). Morada preferida das doenças venéreas, dos sorrisos sem dente, da magreza esquelética, do hálito fétido, das tragédias, da miséria, da sífilis, da exclusão. Ser prostituta nunca foi e nem era uma fácil função.

A cidadezinha possuía suas prostitutas famosas: Sinhaninha Bico Roxo, Luzia, Hozana, Elza, Maria Cândida, "Santinha", Nadir, Zanita, Filhinha, Ana do Bobo, Maria Pepé, Bastiana Linguixa. Entretanto, naquele mesmo tempo e lugar, uma mulher entre tantas outras se destacava de uma maneira ou outra. Era a famosa Benedita Tatu.

Essa mulher foi jovem, bela e solicitada. Nasceu em 1854 em Corumbá de Goiás, foi moça direita, casou-se virgem e prendada, mas foi abandonada pelo marido. Aos 23 anos foi pedir ao Pai Eterno que lhe endireitasse o caminho, chamou a atenção dos homens do lugar, recebeu propostas. De início foi relutante, romeira de véu preto na cabeça, mas com os "miliréis" acabando, entrou para a "vida" numa romaria, o ano era 1887, e permaneceu na vila. Foi ficando, agradando, depois desagradando. Sua atuação era popular e não existiu um homem, rapazote ou velho que fosse que não tenha provado de suas delícias.

Benedita Tatu foi envelhecendo e perdendo a fama. Precisava ceder lugar para as novidades que chegavam com ganância de arranjar um amante rico. Poucos a procuravam. Entrou em decadência. Foi, muitas vezes, vítima de agressões, surras e espancamentos. Num desses vieses encontrou um bruto que lhe quebrou a coluna vertebral numa surra. Benedita Tatu ficou torta, caminhando dobrada, caindo fácil. Saiu da famosa casa de Adelina expulsa. Uma vez mais abandonada passou a mendigar pelas ruas.

Benedita Tatu se apresenta aos nossos olhos como da miséria humana e da maldade dos homens daqueles tempos antigos. Por andar assim emborcada, curvada sobre si mesma, recebeu o apelido de tatu. Tendo a rua por morada e o céu por teto não fazia higiene pessoal e suas unhas ficaram muito grandes. Mais um reforço para que a alcunha pegasse: Benedita Tatu.

Passou a catar lixo para comer, uma trouxa cheinha de inutilidades servia de travesseiro, a poeira era seu lençol e o frio seu cobertor. Vivia enxotada, enxovalhada, doente, carcomida pela lepra era sempre escorraçada, servia de alívio para todas as raivas da cidade que lhe proibiu que se arrastasse no novo "Jardim Público" recém-construído. Benedita Tatu parecia um fantasma maltrapilho, simbolizava a escória e os desafetos humanos.

Um dia quente de outubro, era o dia 27 do ano de 1929, no sol escaldante do calor goiano, numa tarde suarenta, Benedita Tatu foi morta a

pauladas, em plena rua. Benedita tinha 75 anos de idade e o corpo coberto de feridas, cicatrizes e sujeira. Com muita má vontade arrumaram-lhe uma cova rasa, onde jogaram seu frágil caixão, em vala comum do novo cemitério. Na certidão de óbito foi assinalada a causa mortis como "violenta".

Com o seu assassino nenhuma autoridade se preocupou, saiu impune. Pela cidade um pensamento comum: ela representava o "nada" e o assassino fez-lhe grande favor de lhe abreviar o tempo de sofrimento. Coitadinha da Benedita Tatu! Pensando bem, foi melhor assim. Fosse hoje, certamente Benedita seria estatística e alvo fácil: excludente de ilicitude. Motivo? Enfeava a terra das Romarias e da santa devoção.

Para dar voz às mulheres como Benedita que foram e são possuídas, usadas, sugadas e descartadas, estudantes de pós-graduação e apoio aos direitos das mulheres lhe prestam homenagem dando o seu nome ao grupo de pesquisa pela UFG (Universidade Federal de Goiás).

Por e para Benedita Tatu e todas as mulheres marginalizadas em nossa sociedade patriarcal deixo meu sonoro: SALVE!

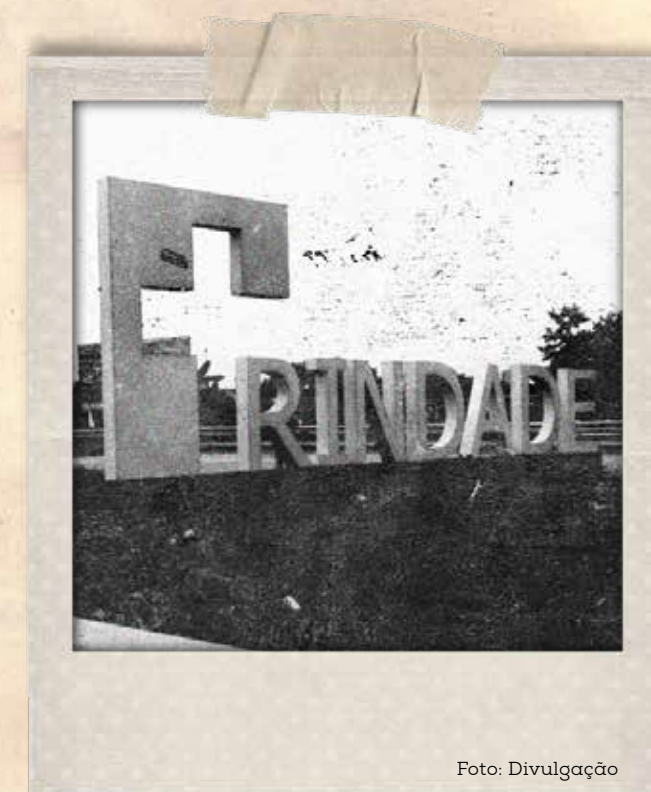
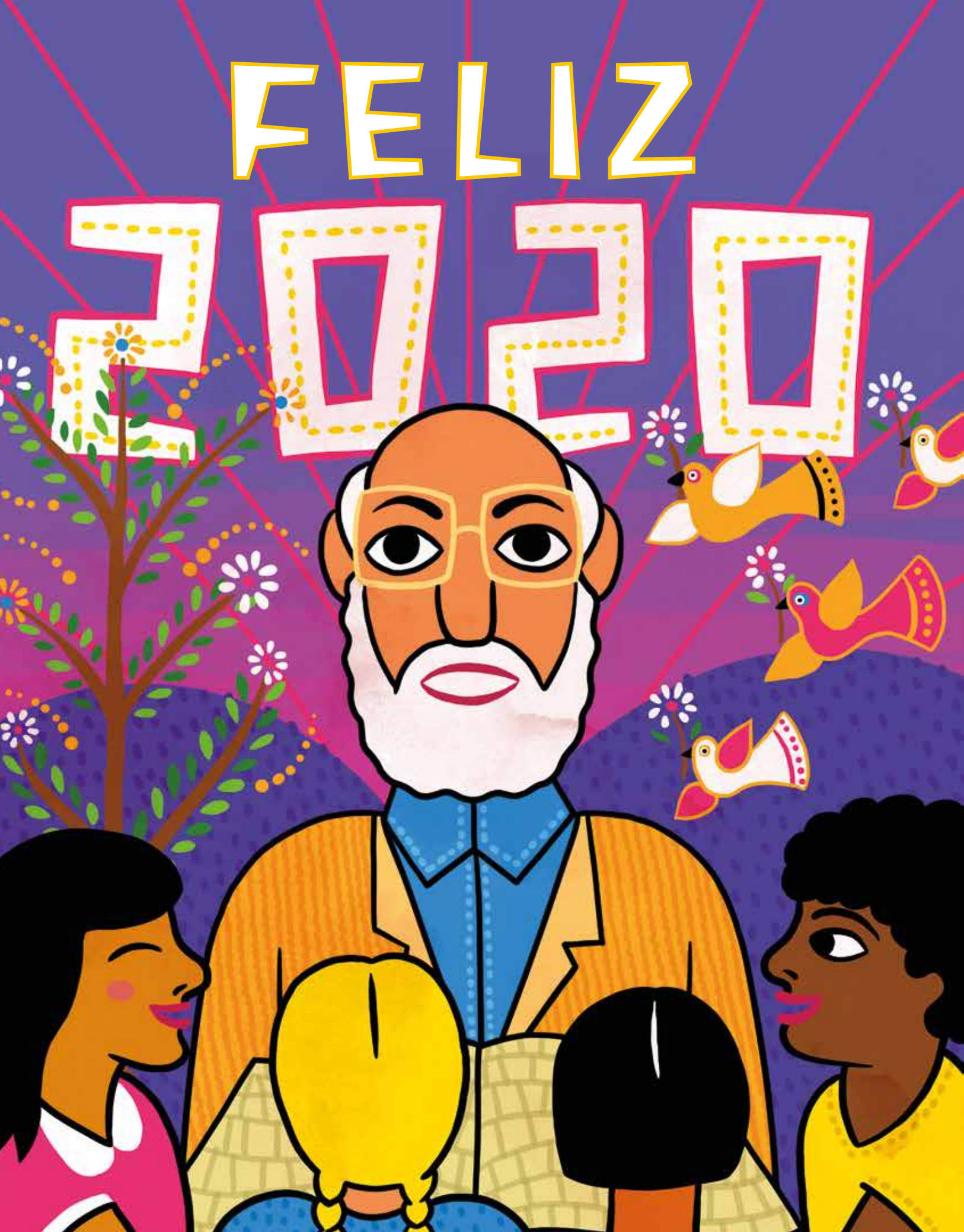


Foto: Divulgação



Iêda Vilas-Bôas

Escritora. Professora. Presidente da ALANEG-RIDE e Revisora de Textos



EDUCAÇÃO PÚBLICA

DIREITO DO POVO BRASILEIRO.
VAMOS CONQUISTAR JUNTOS.

RUMO AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE
PAULO FREIRE



CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
® www.cnte.org.br

Filiada à
CUT BRASIL
Internacional
da Educação



FNPE
Forum Nacional Popular de Educação

Brasil



**CAMPAHA XAPURI
ASSINATURA SOLIDÁRIA**

**ASSINE A XAPURI E GANHE,
AGORA, UMA LINDA CAMISETA
DA RESISTÊNCIA,
COM FRETE GRÁTIS PARA
QUALQUER LUGAR DO BRASIL.**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **190**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **290**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE